

A

BÍBLIA

E O

ESPIRITISMO

Diagramação: Elio Mollo

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Visão Espírita da Bíblia | 3 |
| O Espiritismo e as Igrejas Reformadas | 5 |
| Palavra de Deus | 6 |
| O Espiritismo e as Igrejas Reformadas | 12 |
| Pedro - Primeiro Papa | 14 |
| Inferno | 16 |
| Da proibição de evocar os mortos | 18 |
| As condenações bíblicas e o espiritismo | 28 |
| Salvação e Reencarnação | 30 |
| Refutação aos argumentos contrários a Doutrina Espírita | 37 |

A lenda do dilúvio, que encontramos em **Gênesis**: VII e VIII é uma dessas passagens bíblicas que só podem ser tomadas ao pé da letra pelo fanatismo e a ignorância. Pouco importa que durante séculos as religiões cristãs, com seus doutores e sacerdotes, tenham sustentado a realidade literal dessa lenda. A verdade histórica é apenas esta: a lenda do dilúvio corresponde a um dos arquétipos mentais atualmente estudados pela psicologia profunda. Os estudos de Karl Jung a respeito são bastante esclarecedores. Mas o arquétipo coletivo, que corresponde no plano social aos complexos psicanalíticos do plano individual, não é uma abstração. Pelo contrário, é uma realidade psíquica enraizada nos fatos concretos. O dilúvio bíblico, por isso mesmo, tem duas faces: uma é a realidade histórica, a ocorrência real da catástrofe; outra é a interpretação alegórica, enraizada no arquétipo coletivo e que o texto sagrado oferece. **O Livro dos Espíritos** explica o problema do dilúvio através dessas duas faces, a real e a lendária. É o que vemos no seu item 59, nas *"Considerações e Concordância Bíblicas referentes à Criação"*, que se podem resumir nestas palavras: *"O dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial, que se tomou pelo cataclismo geológico"*. Aliás, essa afirmação de Kardec foi posteriormente confirmada pelas investigações científicas. O arqueólogo inglês *sir* Charles Leonard Wooley descobriu ao norte de Basora, próximo ao Golfo Pérsico, ao dirigir as escavações para a descoberta dos restos da cidade de Ur, as camadas de lama do dilúvio mencionada na **Bíblia**. Pesquisas posteriores completaram a descoberta. O dilúvio parcial do delta dos rios Tigre e Eufrates é hoje uma realidade atestada pela Ciência. Foi esse dilúvio, ou seja, uma inundação parcial, que serviu de motivo histórico para a lenda bíblica.

Como acentua Kardec, nada perdeu com isso a **Bíblia**, nem a Religião. Mas ambas são diminuídas quando o fanatismo insiste em defender um absurdo, quando teima em dizer que Deus afogou o mundo nas águas de uma chuva de quarenta dias e fez Noé salvar-se, com a própria família e as privilegiadas famílias dos animais de cada espécie existente, para que a vida pudesse continuar na Terra. Sustentar como realidade histórica a figuração ingênua de uma lenda, conferindo-lhe ainda autoridade divina, é ridicularizar o sentimento religioso e minar as bases da concepção espiritual do mundo. Foi esse processo infeliz de ridicularização que levou o nosso tempo ao materialismo e à descrença que hoje o dominam. Que diriam os fanáticos da *"palavra de Deus"* ao saberem que o dilúvio bíblico tem por antecessores o dilúvio babilônico de Gilgamesch, historicamente chamado de *"o Noé babilônico"*, e o dilúvio grego de Deucalião? O Espiritismo esclarece esse problema, mostrando que o *"arquétipo coletivo"* do dilúvio é responsável pelo seu aparecimento em diversos capítulos da História das Religiões, e até mesmo na pré-História, entre os povos selvagens. É esse um dos pontos mais curiosos da psicologia das Religiões. (...) Curioso notar que Deucalião, o Noé grego, e Pirra, sua mulher, tiveram três filhos, como aconteceu com Adão e Eva e depois com Noé. Em todas essas coincidências comprova-se a origem mitológica e a presença dos arquétipos coletivos nas passagens supostamente históricas da **Bíblia**. Querer sustentar a realidade desses fenômenos ingênuos e impô-los ao povo como verdades divinas é querer confundir religião com superstição. O Espiritismo prefere esclarecer esses problemas à luz da razão. (...) Tudo nos mostra, numa análise cultural da **Bíblia**, que ela deve ser interpretada na perspectiva das civilizações agrárias, a que realmente pertence. A lenda do dilúvio, que é também um mito agrário e ocupa todo o espaço dos capítulos 6 a 10 da Gênesis, confirma plenamente o caráter local e racial do livro que as igrejas cristãs consideram como *"palavra de Deus"*. As civilizações agrárias, como acentuou Durkheim a respeito das cidades gregas, explicam-se pela Cosmossociologia. O cosmos participa das estruturas sociais, pois o homem está profundamente ligado à Natureza, entranhado na Terra. Por isso vemos, no dilúvio bíblico, Deus falando a Noé, este procurando embarcar todos os seres vivos na arca e servindo-se, depois, do corvo e da pomba para saber se o dilúvio acabara. Deus, homens e animais convivem e se entendem. Não existe uma sociedade, mas uma cosmossociedade. A própria duração do dilúvio (**quarenta dias**) obedece a ritmos naturais, como o das estações, dos períodos lunares, das enchentes, dos períodos críticos da vida humana ou mesmo da gestação de animais ou do desenvolvimento dos vegetais. Noé solta um corvo da arca para saber se o dilúvio acabara; a seguir, uma pomba; sete dias depois (**o número sete é também significativo**) solta de novo a pomba e recolhe de volta com as mãos (**símbolo carinhoso da relação homem-animal**). Todos esses pormenores são encontrados nas lendas do dilúvio referentes a vá-

rios povos antigos da Ásia, da Europa e da América, entre os quais os índios brasileiros. Entre os índios do México e da Nova Califórnia, por exemplo, Noé se chama Coxcox e a pomba é substituída pelo colibri. Todos os Noés, seja o mesopotâmico, o grego, o mexicano, o celta (que se chamava Dwyfan e sua mulher Dwyfach), são avisados por Deus (naturalmente o Deus de cada um desses povos) que estava irritado com a corrupção do gênero humano e manda o seu escolhido construir uma arca. Só mesmo uma ingenuidade excessiva poderia fazer-nos aceitar o relato público do dilúvio como uma realidade histórica ou divina. A lenda bíblica do dilúvio corresponde a um mito dessa fase bem conhecida da História dos povos antigos, que é a fase mitológica. Sua realidade não é histórica nem divina: é simplesmente alegórica. O dilúvio é uma lenda que corresponde a um passado mitológico, comum a todos os povos.



“O Espiritismo e as Igrejas Reformadas”

Trecho do livro de Jayme Andrade,;
mailto:randre@unisys.com.brmailto:randre@unisys.com.brindex.htmlindex.html

“Os católicos e protestantes seguem a doutrina de Santo Tomas de Aquino, que defendia a *“fé”* como uma opção exclusiva da vontade, sem interferência da *“razão”*, distinguindo-a da *“dúvida”* porque nesta há indecisão entre os dois conceitos opostos, e da *“opinião”* que é a aceitação de um juízo sem excluir totalmente outros, mas já aí com base em fatores racionais. Também a distingue da *“certeza”*, porque está assentada no conhecimento científico.

Na época atual já não é admissível a concepção aquiniana da fé, por ser evidente que:

“A fé depende da razão, pois quem crê deve ter uma razão para crer. A fé em Jesus é a aceitação dele como Messias e Salvador. Mas a aceitação não é só um ato de vontade, mas um ato de discernimento, portanto um ato de razão. Como posso aceitar isto e condenar aquilo, sem recorrer ao juízo, que é a função da razão?” (Herculano Pires, em *“Revisão do Cristianismo”*, pg. 89)

Aprendidos estes conceitos, vejamos como se processaria a *“salvação pela fé”*, no entendimento dos evangélicos: Um incrédulo ouve o sermão, sente-se tocado pela comovente mensagem do pregador e se torna um *“convertido”*, recebe Cristo no seu coração e acredita *“nascido de novo”*, salvo pela graça do Senhor, e purificado dos seus pecados pelo sangue do Cordeiro. Em seguida, filia-se a congregação dos fiéis através do batismo e passa, ao menos em teoria, a viver sua existência dentro dos preceitos do Evangelho, podendo tornar-se até um dos *“mensageiros da palavra”*, no afã de trazer outros pecadores aos braços do Salvador.

Longe de nós o intuito de parecer de alguma forma irreverente para com os nobres sentimentos dos nossos irmãos. Sabemos que agem movidos pela mais pura das intenções, cheios daquela fé que descrevemos acima como *“convicção íntima inabalável”*. Mas seja-nos lícito perguntar: É suficiente essa atitude tão simples para modificar uma vida e transformar substancialmente um caráter? Basta mesmo esse *“pequeno passo”* para o crente se credenciar a *“comunhão dos santos”* e ter assegurada a sua admissão a *“eterna bem aventurança”*? Então, por que só uns poucos, talvez os de espírito mais evoluído, permanecem realmente regenerados? A maioria ostenta um cristianismo de fachada, persistindo com os mesmos sentimentos íntimos de *“homem velho”*: egoísmo, desamor, intolerância, racismo, ausência de empatia e de fraternidade. Mesmo

admitindo que os indivíduos se transformem, que efeitos tem produzido o Evangelho nos grupos sociais que se intitulam cristãos, tanto católicos como protestantes? Acaso o mundo foi transformado, após quase dois mil anos de catequese? Reinam paz e harmonia entre os povos cristãos? Foi implantado nos corações o ideal da solidariedade humana? Ou continuam os homens a digladiar-se, não raro trucidando os adversários em nome do próprio Cristo, como ocorreu nas *“Cruzadas”*, nos tribunais da *“Santa Inquisição”*, no massacre dos camponeses alemães (com o apoio do próprio Lutero), na matança dos huguenotes e nas lutas fratricidas dos nossos dias entre os cristãos irlandeses? Observe-se que o próprio Jesus preveniu: *“Pelos frutos os conhecereis”*... (Mat. 7:16)

Quem tiver olhos de ver e ouvidos de ouvir, por favor leia o Novo Testamento com os olhos bem abertos e a mente despida de preconceitos, e chegará fatalmente a conclusão de que Jesus não desceu a este mundo para fundar nenhuma religião, e sim para trazer a noção de uma vida futura e da sobrevivência da alma, de recompensas e punições segundo as obras que os seres humanos tenham praticado, enfim, veio apresentar aos homens um Deus de amor e misericórdia, muito diferente daquele Jeová rancoroso do Velho Testamento.”



Palavra de Deus

Leia o texto sobre falhas na **Bíblia**, do livro
«O Espiritismo e as Igrejas Reformadas»
de Jayme Andrade, um ex-protestante.
Leia o que escreveu Herculano pires, no livro
«Visão Espírita da Bíblia»,
sobre a lenda do dilúvio.

<mailto:randre@unisys.com.br><mailto:randre@unisys.com.br>index.html

Católicos e Protestantes nos criticam por não crermos na **Bíblia** como a Palavra de Deus inquestionável. Realmente, damos importância apenas a Jesus, pois nada há de útil no **Velho Testamento** para os dias de hoje, exceto os Dez Mandamentos. O próprio Jesus afirmou: *“Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.”* (**Mateus 22:37-40**)

No Sermão da Montanha, Jesus revogou algumas coisas do Antigo Testamento, retificando o que era humano nas leis mosaicas: *“Ouvistes que foi dito: olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo...”* (**Mateus 5:38 a 42**) *“Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”* (**Mateus 5:43 e 44**)

Paulo também disse: *“Com efeito: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.”* (**Romanos 13:9**)

O que aí não se inclui, são quinquilharias humanas. Jesus não trabalhou aos sábados; não permitiu que apedrejassem a adúltera; foi contra o divórcio, contrariando Moisés, pois, afinal, eram leis de Moisés, leis para doutrinar aquele povo, e não leis divinas, que nunca se alteram. A expressão *“a palavra de Deus”* é de origem judaica. Foi naturalmente herdada pelo Cristianismo, que a empregou para o mesmo fim dos judeus: dar autoridade à Igreja. A **Bíblia**, considerada a *“palavra de Deus”*, reveste-se de um poder mágico: a sua simples leitura, ou simplesmente a audiência dessa leitura, pode espantar o Demônio de uma pessoa e convertê-la a Deus. Claro que o Espiritismo não aceita nem prega essa velha crendice, mas não a condena. A cada um, segundo suas convicções, desde que haja boa intenção. As pesquisas históricas revelam que os livros que compõem a **Bíblia** tem origem na literatura oral do povo hebreu. Só depois do exílio na Babilônia foi que Esdras conseguiu reunir e compilar os livros orais (guardados na memória) e proclamá-los em praça pública como a lei do judaísmo, ditada por Deus. É impossível provar que *“de capa a capa”* a **Bíblia** é divinamente inspirada. O *“credo quia absurdum”* (acredito mesmo que absurdo) é fruto do dogmatismo, criação humana dos concílios, enquanto o Espiritismo é a doutrina do livre-exame e consiste na fé raciocinada, apta a *“encarar a razão face a face em todas as épocas”*. Somente às religiões dogmáticas, que se apresentam como vias exclusivas de salvação, interessa o velho conceito da **Bíblia** como palavra de Deus. Primeiro, porque esse conceito impede a investigação livre. Considerada como a palavra de Deus, a **Bíblia** é indiscutível, deve ser aceita literalmente ou de acordo com a *“interpretação autorizada da igreja”*. Por isso, as igrejas sempre se apresentam como *“autoridade única na interpretação da Bíblia”*. Segundo, porque essa posição corresponde aos tempos mitológicos, ao pensamento mágico, e não a era de razão em que vivemos. Há contradições insanáveis em que se afundam os hermeneutas religiosos. Vêem-se eles obrigados a perigosas ginásticas de raciocínio, apoiadas em fórmulas pré-fabricadas, para se safarem das contradições do texto. Mas não escapam jamais a contradição fundamental que é esta: consideram a **Bíblia** como a palavra de Deus, mas estabelecem, para sua interpretação, regras humanas. Dessa maneira, é o homem que faz Deus dizer o que lhe interessa. As supostas condenações do Espiritismo pela **Bíblia**, por exemplo, decorrem das interpretações sacerdotais, até alterando os textos, moldando a *“Palavra de Deus”* segundo suas conveniências. A **Bíblia** é um dos maiores repositórios de fatos espíritas de toda bibliografia religiosa. E os textos bíblicos estão eivados de passagens tipicamente espíritas. (leia o item sobre a proibição bíblica a comunicação com mortos)

Emmanuel, trabalhador incansável do Cristo, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, nos diz: *“O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é cami-*

nhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os des-pautérios." (O Consolador, Ed. FEB, pág. 201)

Será mesmo que tudo na Bíblia tem inspiração divina? A despeito da expressa proibição: "Em ti não se achará quem faça passar pelo fogo seu filho ou a sua filha" (Deut. 18:10), os judeus de vez em quando queimavam seus filhos em sacrifício (II Reis 17:17) e até alguns reis cometeram esse crime hediondo, como Manasses (II Reis, 21:16) e Acáz (II Cron. 28:3), e até o grande libertador Jefté, que foi Juiz em Israel por seis anos, foi "cheio de espírito e ofereceu a sua filha em holocausto a Deus" (Juizes 11:29 e 39). Alguns textos levam a supor que os sacrifícios humanos tinham o beneplácito de Jeová, uma vez que "o homem consagrado a Deus não poderá ser resgatado, será morto" (Lev. 27:29). Jeu, rei de Israel por 28 anos, matou 2 reis israelitas, Acazias e Jorão (II Reis 9:24-33), bem como toda a linhagem do ex-rei Acab, inclusive seus 70 filhos (II Reis 10:7) e mais 42 irmãos de Acazias (II Reis 10:14), além de inúmeros adoradores de Baal (II Reis, 10:25) e apesar de tão zeloso "não se apartou dos pecados do ex-rei Joroboão e nem destruiu os bezerros de ouro" (II Reis 10:29). Pois foi a esse rei idólatra e sanguinário que Jeová afirmou: "Bem obraste em fazer o que é reto aos meus olhos" (II Reis 10:30)

Samuel era vidente de Deus (I Samuel 9:19), mas mandou que o rei destruísse totalmente os amalequitas, "matando desde o homem até a mulher, desde os meninos até os de mama, desde os bois até as ovelhas e desde os camelos até os jumentos" (I Samuel, 15:3). Mas Saul poupou os animais e por isso foi castigado (I Sam., 15:26).

Moisés, que "era o mais manso de todos os homens que havia na Terra" (Num. 12:13), desce do Sinai com as "Tábuas da Lei", onde constava o mandamento "Não Matarás" e logo, para passar da teoria à prática, manda matar 3 mil dos seus compatriotas e ainda por cima pede a benção de Deus para os assassinos (Êxodo 32:28/29). Josué conquistou todas as cidades da prometida "Canaã destruindo totalmente a toda alma que nelas havia" (Jos. 10:35), "destruindo tudo que tinha fôlego, como ordenara o Senhor Deus" (Jos 10:42), o que não é de se admirar, uma vez que Jeová é "homem de guerra" (Êxodo 15:3).

"Cada um tome a sua espada e mate cada um a seu irmão, cada um a seu amigo, cada um a seu vizinho" (Êxodo 32:27) "Nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida" (Deut. 20:16) "Se o povo de uma cidade incitar os moradores a servir outros deuses, destruirás ao fio de espada tudo quanto nela houver, até os animais" (Deut. 13:12/15)

Nossa, até os inocentes animais!!

Veja também que havia diversos "Deuses", não só Jeová. Este, claro, era o "Deus" oficial do povo e, sob o seu nome, houve de fato manifestações de espíritos enviados por Deus. Isaías 8:19 também sugere a mesma coisa.

Está escrito em Deuterônimo, capítulo 21, versículo 23: "o que for pendurado em um madeiro é maldito de Deus". Logo, se Jesus passou por semelhante apróbio pode-se concluir que as "Escrituras Sagradas" estão denominando o Mestre de "maldito de Deus". Se a Bíblia não pode ser discutida para um cristão dogmático, como sair dessa??

Quando se tem acesso ao livro de Jonas, nota-se um paradoxo: "Deus" se apieda da cidade de Nínive, a grande inimiga de Israel, mandando o profeta Jonas pregar aos seus habitantes, em detrimento dos amalequitas, assassinados por ordem "divina", sem chance de arrependimento. Afinal, há preferência de "Deus" por alguns de seus filhos? Portanto, que "Deus" é esse? Prejulga merecer o povo de Nínive a sua misericórdia, enquanto os amalequitas foram cruelmente assassinados por sua ordem;

Vemos em Levítico 21:16-24:

¹⁶Disse mais o Senhor a Moisés: ¹⁷Fala a Arão, dizendo: Ninguém dentre os teus descendentes, por todas as suas gerações, que tiver defeito, se chegará para oferecer o pão do seu Deus. ¹⁸Pois nenhum homem que tiver algum defeito se chegará: como homem cego, ou coxo, ou de nariz chato, ou de membros demasiadamente compridos, ¹⁹ou homem que tiver o pé quebrado, ou a mão quebrada, ²⁰ou for corcunda, ou anão, ou que tiver belida, ou sarna, ou impigens, ou que tiver testículo lesado; ²¹nenhum homem dentre os descendentes de Arão, o sacerdote, que tiver algum defeito, se chegará para oferecer as ofertas queimadas do Senhor; ele tem defeito; não se chegará para oferecer o pão do seu Deus. ²²Comerá do pão do seu Deus, tanto do santíssimo como do santo; ²³contudo, não entrará até o véu, nem se chegará ao altar, porquanto tem defeito; para que não profane os meus santuários; porque eu sou o Senhor que os santifico. ²⁴Moisés, pois, assim falou a Arão e a seus filhos, e a todos os filhos de Israel.

Raciocinem um pouco: um ato tão desumano de **PRECONCEITO** teria vindo do próprio Deus?? Também em **Levítico**, "**Deus**" não parece ser o grande Fisiologista, o Supremo Criador da natureza humana, desconhecendo que o processo da menstruação é natural, não podendo lhe ser imposto a pecha de imundo. Assim está escrito: "*Se um homem se deitar com uma mulher no tempo da **enfermidade** dela, e lhe descobrir a nudez, descobrindo a sua fonte, e ela descobrir a fonte do seu sangue, ambos serão eliminados no meio do seu povo*". Menstruação é **enfermidade**? O próprio "**Criador**" desconhecendo o que criou? Um "**Deus**" preconceituoso, anatematizando uma função normal do aparelho sexual feminino? Ainda por cima, violento, ao ponto de expulsar o casal de seu povo? Em **Deut.** 13:6, 9 e 10, há uma ordem de matar a pedradas os adeptos de outras crenças. Uma apologia à intolerância religiosa. Em **Levítico** 22:17-18 "**Deus**" ordena que a oferta a ser oferecida no altar seja de animais sem defeito. E é mais exigente ainda, quando determina que não devam ser ofertados bichos que tiverem testículos machucados, ou moídos, ou arrancados, ou cortados (**Levítico** 22:24). Os sacrifícios de animais na Bíblia lembram bem o que acontece no Candomblé e Quimbanda nos nossos dias.

Paulo afirmou: "*Vós recebestes a lei por mistérios dos anjos*" (**Atos** 7:53), explicando ainda em **Hebreus** 2:2: "*Por que a lei foi anunciada pelos anjos*", e confirmando na mesma epístola, 1:14: "*Espíritos são administradores, enviados para exercer o ministério*". Também em **Hebreus**, (1:7) Paulo afirma: "*o que faz os seus anjos espíritos e os seus ministros chamados de fogo*". Está claro que os anjos são espíritos reveladores das leis de Deus aos homens, como afirma o Espiritismo. Paulo vai ainda mais longe, afirmando em **Atos** 7:30-31, que Deus falou a Moisés através de um anjo na sarça ardente. Os anjos são, portanto, espíritos, ministros de Deus, que os faz chama de fogo nas aparições mediúnicas.

Em **Hebreus**, 12:9, Paulo se refere a Deus como "**Deus dos Espíritos**". Houve casos estudados de manifestações de espíritos que eram na forma de línguas de fogo. Essas manifestações confirmam que os fenômenos de Pentecostes e o anjo da sarça ardente foram mediúnicos. O Espiritismo reconhece a ação de Deus na Bíblia, mas não pode admiti-la como a "**Palavra de Deus**". Na verdade, como ensinou o apóstolo Paulo, foram os mensageiros de Deus, os Espíritos, que guiaram o povo de Israel, através dos médiuns, então chamados profetas. O próprio Moisés era um médium, em constante ligação com Iavé ou Jeová, o deus bíblico, violento e irascível, tão diferente do Deus Pai do Evangelho. Devemos respeitar a **Bíblia** no seu exato valor, mas nunca fazer dela um mito, um novo bezerro de ouro. Deus não ditou nem dita livros aos homens.

Em **Números**, 11:23-25, temos a descrição de dois fatos mediúnicos valiosos. Primeiro, o Senhor fala a Moisés. Depois, Moisés reúne os setenta anciãos, formando uma roda, e o Senhor se manifesta materialmente descendo numa nuvem. Temos a comunicação pessoal de Jeová a Moisés, e a seguir o fenômeno evidente de materialização de Jeová, através da mediunidade dos anciãos, reunidos para isso na Tenda, cedendo ectoplasma para o fenômeno. A nuvem é a formação de ectoplasma na qual o espírito se corporifica. Só os que não conhecem os fenômenos espíritos podem aceitar que ali se deu um milagre, um fato sobrenatural. E podem aceitar, também, a manifestação do próprio Deus. Longe disso. Jeová era o espírito protetor de Israel, que se apresentava como Deus, porque a mentalidade dos povos do tempo era mitológica, e os espíritos eram considerados deuses. O filósofo Tales de Mileto já dizia, na Grécia, cinco séculos antes do Cristo: "*O mundo é cheio de deuses*". Os espíritos elevados eram considerados deuses benéficos, e os espíritos inferiores eram deuses maléficos. O Capítulo V do **Deuteronômio** é inteiramente mediúnico. Mas convém lembrar que os sucessos desse capítulo são melhor compreendidos quando lemos o **Êxodo**, caps. 18 a 20. Nos versículos 13 a 16, do capítulo 18, vemos Moisés diante do povo, para ser o mediador, o interprete – mas na verdade o médium –, entre Deus e o povo. Nos versículos 22 a 31, Cap. V, do **Deuteronômio**, temos uma bonita descrição de conhecidos fenômenos mediúnicos: o monte Horebe envolto em chamas, a nuvem de fluídos ectoplasmáticos (**materializantes**), e a voz-direta de Jeová. que falava do meio do fogo, sem se apresentar ao povo. E Moisés, como sempre, servindo de intermediário, na sua função mediúnica. Por fim, Jeová recomenda a Moisés que mande o povo embora, mas permaneça com ele, para receber as demais instruções. (**Vers. 31, cap. 5 de Deut.**)

No famoso cap. 18 de **Deuteronômio**, tão citado contra o Espiritismo, logo após os versículos das proibições, temos a promessa de Jeová, de que suscitará um grande profeta para auxiliar e orientar o povo. Como fazia com Moisés, o próprio Jeová promete que porá as suas palavras na boca desse médium. Não obstante, sabendo que todo médium está sujeito a envaidecer-se e dar entrada a espíritos perturbadores, Jeová determina que o profeta seja morto: "*Se falar em nome de outros deuses*". Esta passagem (**vers. 20 do**

cap. XVIII) é mais uma confirmação bíblica do ensino espírita de que, naquele tempo, os espíritos eram chamados "*deuses*". Jeová era espírito-guia do povo hebreu, e por isso considerado como o seu Deus, o único verdadeiro. Mas os profetas (*médiuns*) de Jeová podiam receber outros deuses, como Baal, Apolo ou Zeus, pelo que a proibição bíblica nesse sentido é terrível e desumana, como podemos ver nos textos. A evolução espiritual do povo hebreu permitiria a Jesus vir corrigir esses abusos e substituir a concepção bárbara de Deus dos Exércitos pela concepção evangélica do Deus-Pai, cheio de amor com todas as criaturas. O Espírito que ditou os Dez Mandamentos a Moisés desempenhava uma elevada missão, preparando o povo hebreu para o monoteísmo, a crença num só Deus, pois os deuses da Antigüidade eram mitos. Através da mediunidade, ensinava aos homens rudes do tempo as verdades espirituais que deveriam frutificar no futuro. E por isso que encontramos, nas páginas da Bíblia, não só o relato de fenômenos espíritas ocorridos com o povo hebreu, mas também ensinamentos precisos e claros sobre a mediunidade. No **Capítulo XII, do Livro de Números**, vemos Jeová dar aos Hebreus uma das lições que só mais tarde apareceriam de novo, mas então no **O Livro dos Médiuns**, de Allan Kardec.

Mirian e Aarão falavam mal de Moisés, por haver ele tomado uma nova mulher, de origem cusita. Jeová não gostou disso e subitamente "*desceu da nuvem*", para repreende-los. Descer da nuvem é materializar-se, pois a nuvem é simplesmente a formação de ectoplasma, como a **Bíblia** deixa bem claro nos seus relatos. Imagina se o Senhor do Universo, o Deus-Pai do Evangelho, faria este papel de alcoviteiro!! Seria absurdo tomarmos este Jeová, sempre imiscuído nos assuntos domésticos, pelo próprio Deus! Como espírito-guia, podemos compreendê-lo. E é como espírito-guia que ele repreende os maldizentes, castiga Mirian, mas antes ensina.

Primeiro, diz ele que pode manifestar-se aos profetas (*médiuns*) por meio de visão (*vidência*) ou de sonhos. Depois, lembrando que Moisés é o seu instrumento para direção do povo, esclareceu: "*Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa*". E acrescenta: "*Boca a boca fale com ele, claramente e não por enigmas*". Cinco formas de mediunidade figuram nesse ensino bíblico:

- 1) vidência;
- 2) a de desprendimento, ou sonambúlica;
- 3) a de materialização;
- 4) a de voz-direta;
- 5) a de audiência.

O próprio Jeová ensinava a mediunidade, como o apóstolo Paulo, em sua **Primeira Epístola aos Coríntios**, ensinaria mais tarde a fazer uma reunião mediúmica.

Quem examinar com isenção o texto bíblico, observará que aquele Jeová do **Antigo Testamento** nada tem de comum com o Deus apresentado por Jesus no Novo.

Tudo faz crer que o protetor imediato da nação judaica era uma Entidade mais ou menos identificada com a índole guerreira da raça. Cada homem, cada povo, tem o Guia Espiritual que merece, compatível com o seu grau de evolução moral. Podia ser, talvez, um dos antepassados, com autoridade para impor seu domínio sobre os homens. Tais entidades, por atrasadas que sejam, não ficam ao desamparo da Espiritualidade Superior, mas é claro que esta não pode impor ensinamentos que os assistidos não estejam ainda em condições de assimilar. A evolução tem que vir naturalmente, sempre respeitando o livre-arbítrio de cada ser. O mesmo ocorre ainda hoje, com os "*pretos-velhos*" e "*orixás*" que orientam os cultos africanos. Quando se dedicam ao bem, trabalhando em favor dos que sofrem, recebem assistência e orientação dos Espíritos elevados. Se preferem a prática do mal, tornam-se vítimas de entidades malévolas e ficam entregues a própria sorte até que, caindo em si, percebam a voz da consciência e, arrependidos, se voltem para Deus. O exame do Velho Testamento nos leva a duas alternativas: ou era o próprio legislador quem, com o propósito de infundir respeito, atribuía a Divindade todos aqueles rompantes de ferocidade de que o **Antigo Testamento** está repleto, ou Deus se fazia representar ante o povo por uma deidade tribal, talvez ate mais de uma, como se infere de **Gen. 3:22**: "*Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal*".

E a prova de se tratar de espírito ainda um tanto materializado é que "*habitava no tabernáculo*" (**II Sam. 7:6**), ou "*de tenda em tenda*" (**I Cron. 17:5**) e "*se comprazia com o cheiro dos animais imolados em holocausto*" (**Números 29:36**)

O Deus que amamos e adoramos não pode estar sujeito as paixões humanas. Não se concebe um Deus de infinita perfeição tomado de rancor, pronto a descarregar sobre suas criaturas a sua tremenda ira. E

no entanto, embora Ele se diga *"misericordioso e piedoso, tardio em se irar e grande em beneficência e verdade"* (**Êxodo 34:6**), contam-se para mais de 60 acessos de cólera entre os livros **Êxodo e II Reis**.

O Jeová do **Antigo Testamento**, que deu ao seu povo o mandamento *"não matarás"*, mandava exterminar os inimigos (e ate os amigos...) com incrível ferocidade. Como explicar tamanha contradição?

O apóstolo João afirmou: *"Deus nunca foi visto por ninguém"* (**João 1:18**) e *"ninguém jamais viu a Deus"* (**I João 4:12**), o que foi confirmado por S. Paulo: *"(aquele) a quem nenhum dos homens viu nem pode ver"* (**I Timoteo 6:16**) e pelo próprio Jesus: *"Não que algum homem tenha visto o Pai"* (**João 6:46**). Mas lemos no **Antigo Testamento** que Deus disse: *"Eu apareci a Abraão, Isaac e Jacó"* (**Êxodo 6:3**) e que Moisés, Aarão, Nadab e Abiú e mais 70 anciãos viram Deus (**Êxodo 24:9-11**).

"Falava Deus a Moisés face a face, como qualquer homem fala ao seu amigo" (**Êxodo 33-11**) e contudo o advertiu: *"Não poderás ver a minha face, porque homem nenhum verá a minha face e viverá"* (**Êxodo 33:20**) e em seguida abriu uma concessão: *"ver-me-as pelas costas, mas a minha face não se verá"* (**Êxodo 33:23**). E no entanto o próprio Deus afirmou: *"Eu falo com Moisés boca a boca e ele vê a forma do Senhor"* (**Num. 12:8**) e mais: *"Cara a cara o Senhor falou conosco no monte, no meio do fogo"* (**Deut. 5:4**) e *"(Moisés) a quem o Senhor conhecera cara a cara"* (**Deut. 34:10**). Finalmente, *"Deus por duas vezes apareceu a Salomão"* (**I Reis 11:9**). Afinal, Deus foi visto ou não?

Afirmando que a **Bíblia** é a palavra de Deus, se baseiam nos versículos abaixo:

¹⁶*Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça;* ¹⁷*para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra.* (**II Timóteo 3**)

Pois bem, a minha João F. de Almeida de 1948 diz: *"Toda escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar..."*.

Paulo se referia as escrituras que realmente são inspiradas, não considerando outras. E se fosse como querem, também seria uma contradição. Não dizem os católicos e protestantes que nem tudo é inspirado, e chamam de *"apócrifos"* livros que não constam em suas bíblias? Ainda por cima, a **Bíblia** protestante exclui livros que estão na **Bíblia** dos católicos... E gostaria de saber em que toda aquela guerra e, principalmente, aquela demonstração de PRECONCEITO contra deficientes físicos, poderia ser *"proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra."* Não creio MESMO que Paulo estivesse falando de toda a **Bíblia**.

Outras argumentações dos que afirmam ser a **Bíblia** a *"Palavra de Deus"*:

"Jesus:

a. *leu-a* (**Lc 4:16-20**);

b. *ensinou-a* (**Lc 24:27**);"

Mas também a resumiu em *"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"*. Nós, espíritas, acreditamos que a **Bíblia** CONTÉM a Palavra de Deus, mas não é inteiramente a Palavra de Deus, infalível, inquestionável...

"Jesus afirmou que elas eram a verdade" (**Jo 17:17**);

Diz o versículo 14: *"Eu lhes dei a tua palavra; e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo."* Jesus se referia a palavra que Ele trouxe. Essa, sim, veio de Deus.

Jesus chamou-a *"A Palavra de Deus"* (**Mc 7:13**);

Novamente, não toda a Bíblia.

"Jesus viveu e procedeu de acordo com ela" (**Lc 18:31**);

"Tomando Jesus consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá no filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito;"

Se referia as profecias sobre o Messias, que se cumpriam com Ele.

"Declarou que o escritor Davi falou pelo Espírito Santo" (**Mc 12:35,36**);

Inspiração mediúnica (leia o item Espírito Santo)

"Jesus cumpriu-a (**Lc 24:44**). *Jesus põe sua aprovação em todas as Escrituras do Antigo Testamento pois* Leis, Salmos e Profetas *eram as três divisões da Bíblia nos dias em que o Novo Testamento ainda estava sendo formado."*

⁴⁴*Depois lhe disse: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.* ⁴⁵*Então lhes*

abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; ⁴⁶e disse-lhes: Assim está escrito que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressurgisse dentre os mortos;" (Lc 24:44-46)

Mais uma vez, se referia apenas as profecias a seu respeito.

*"Em cada pessoa que aceita a Jesus como Salvador, o Espírito Santo põe em seu espírito a certeza quanto à autoria da **Bíblia**. É uma coisa automática. Não é preciso ninguém ensinar isso. Quem de fato aceita a Jesus, aceita também a **Bíblia** como a Palavra de Deus, sem argumentar."*

Ora, isso é um convite a fé cega!

Em Jo 7:17, Jesus mostra como podemos ter dentro de nós o testemunho do Espírito Santo quanto a autoria divina da **Bíblia**: "Se alguém quer fazer a vontade de Deus . . .".

¹⁴Estando, pois, a festa já em meio, subiu Jesus ao templo e começou a ensinar. ¹⁵Então os judeus se admiravam, dizendo: Como sabe este letras, sem ter estudado? ¹⁶Respondeu-lhes Jesus: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. ¹⁷Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, há de saber se a doutrina é dele, ou se eu falo por mim mesmo. ¹⁸Quem fala por si mesmo busca a sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça. (João 7:14-18)

Mostra Jesus que não é Deus, mas um enviado de Deus, trazendo a palavra de Deus. E diz o óbvio: que devemos reconhecer o que é a sua palavra e a palavra de Deus, para procurar cumprir essa última. Não diz nada sobre a **Bíblia** ser divina.



" O Espiritismo e as Igrejas Reformadas "

Do livro "O Espiritismo e as Igrejas Reformadas", de Jayme Andrade, um ex-protestante:
<mailto:randre@unisis.com.br><mailto:randre@unisis.com.br>[index.html](mailto:randre@unisis.com.br)[index.html](mailto:randre@unisis.com.br)

"1 - Como pode Deus criar a luz antes do Sol? – (**Gênesis** 1:3 14). Como separou Ele a luz das trevas (**Gênesis** 1:4), se estas nada mais são do que a privação da luz? Como fez o dia antes que o sol fosse criado?

2 - Como afirmar que do Éden saía um rio que se dividia em outros quatro, um dos quais, o CIOM, que corria no país de Cuse (**Etiópia**) (**Gênesis**, 2:13) só podia ser o Nilo, cuja nascente distava mais de mil léguas da nascente do Eufrates?

3 - Por que a proibição de comer do fruto da “*árvore da ciência do bem e do mal*” (**Gênesis 2:17**), se é fato que, dando a razão ao homem, Deus só poderia encorajá-lo a instruir-se? Acaso preferia Ele ser servido por um tolo?

4 - Por que se atribuiu a serpente o papel de Satã (**Apoc. 12:9**), se a **Bíblia** apenas diz que “*a serpente era o mais astuto dos animais*” (**Gênesis 3:1**)? Que língua falava essa serpente, e como andava ela antes da maldição de que passaria a arrastar-se sobre o ventre e comer pó? (**Gênesis 3:14**) E como explicar a desobediência da serpente, se nunca se ouviu falar de cobra que comesse pó? E como explicar que tantas mulheres possam hoje dar a luz sem dor e tantos homens comam o seu pão sem precisarem de suar o rosto? (**Gen. 3:16/19**)

5 - Como pode ser punido com tanto rigor um ente primitivo como Adão, que não sabia discernir entre o bem e o mal? (e a prova disso se encontra no verso 22: *'Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal'*). Caim cometeu um fratricídio e não mereceu uma pena tão severa; a despeito da maldição: “*Fugitivo e vagabundo será na Terra*” (**Gênesis 4:12**) foi para Node, onde constituiu família e até construiu uma cidade (**Gênesis 4:17**) e “*seus descendentes foram mestres em varias artes*” (**Gênesis 4:20/22**)

6 - Os teólogos pretendem que a morte entrou no mundo em consequência do pecado de Adão (pelo menos este é o ensino de Santo Irineu no 1º Século, confirmado por Santo Agostinho). Pergunta-se: como estaria hoje a população da Terra se a humanidade só fizesse nascer? E por que a punição teve de se estender aos animais, que nada tiveram a ver com o pecado de Adão?

7 - Como puderam encerrar “*casais de todos os animais da Terra*” (**Gênesis 6:19**) numa arca de 300 côvados (198 m) de comprimento por 50 de largura e 30 de altura (**Gênesis 6:15**)? Como conseguiram apanhar todos esses animais e reunir tantos e tão variados alimentos e de que modo se houberam as 8 pessoas a bordo (**Gênesis 7:13**) para alimentar todos eles (e limpar todos os dejetos) durante mais de um ano? Note-se que o dilúvio começou a 17 do 2º mês (**Gênesis 7:11**) e os que nela haviam entrado sete dias antes (**Gênesis 7:10**) só saíram da Arca a 27 do segundo mês (do ano seguinte é obvio) (**Gênesis 8:14**)

8 - Se Deus é justo e se foi Ele próprio que endureceu o coração do Faraó para que não permitisse a saída dos israelitas (**Êxodos 11:10**), por que teria de matar todos os primogênitos do Egito, inclusive muitos milhares de inocentes crianças e até os primogênitos de todos os animais? (**Êxodo 12:29**)

9 - Como teriam os magos egípcios transformado a água do Nilo em sangue (**Êxodo 7:22**), se Moisés já o fizera antes? (**Êxodo 7:20**). E como puderam perseguir os israelitas com o seu exercito desfalcado de todos os primogênitos (**Êxodo 12:29**) e empregando a sua cavalaria (**Êxodo 14:23**), se na 5.a praga haviam sido mortos todos os cavalos? (**Êxodo 9:6**)

10 - Se o mar tragou todo o exercito do Faraó, este inclusive (**Êxodo 14:28**) não é de se estranhar que com a decifração dos hieróglifos, que permite hoje conhecer toda a história do antigo Egito, não se tenha encontrado uma só referência a tão espantosa calamidade?

11 - Como entender que os autores do **Antigo Testamento**, tão precisos ao citar pelos nomes dezenas de pequenos reis das cidades vencidas, como Adonizedeque (**Josué 10-1**), Hoão, Pira, Zafia, Debir (**Josué 10:3**), Hoão (**Jos. 10:33**), Jabim, Jobab (**Josué 11:1**), Seom (**Josué 12:2**), Igue (**Josué 12:4**), Jeeb (**Juizes 7:25**), Salmuna e Zeba (**Juizes 8:5**), Agag (**I Samuel 15:8**), Aquis (**I Samuel 21:10**), etc., não tenham mencionado o nome do Faraó que reinava ao tempo da fuga dos israelitas, o qual é citado tantas vezes nos primeiros 14 capítulos do livro de **Êxodo**?

(...)

14 - Como entender que fossem eleitos e protegidos por Deus assassinos como Eude, que apunhalou a traição o rei Eglom (**Juizes 3:21**), Davi, que fez morrer Urias, para tomar-lhe a mulher (**II Samuel 11:15**) e Salomão, que tendo 700 mulheres e 300 concubinas (**I Reis 11:3**), mandou matar seu irmão Adonias só porque este lhe pedira uma? (**I Reis 2:21 e 25**)

(...)

A história de todos os povos está repleta de lendas, credices, mitos, alegorias, superstições. Por que a dos judeus teria que ser diferente? Quando o historiador pertence a outra comunidade, ou se encontra afastado dos acontecimentos no tempo e no espaço, ainda se pode esperar alguma imparcialidade. Mas, se quem narra a historia é um dos próprios interessados, é natural que procure exagerar os feitos dos compatriotas, sejam contemporâneos ou antepassados, e subestimar os dos seus adversários. Isso ocorre até nos tempos atuais, em que os eventos ficam registrados na imprensa, em livros, nos filmes, nas fitas de vídeo, etc.

Mesmo fatos contemporâneos, amplamente divulgados e documentados por todos os meios de registro disponíveis, se prestam a interpretações diferentes, ao sabor das conveniências de cada grupo. A paternidade do avião, inventado já no início deste século, não é atribuída pelos norte-americanos aos irmãos Wright, com evidente indiferença aos méritos do nosso Santos Dumont? Imagine-se o que não ocorreria nos tempos primevos, quando os acontecimentos eram transmitidos por tradição oral, e só muito depois vinham a ser registrados por escrito...

(...) Não há evidente exagero em afirmar que os israelitas num só dia mataram 100 mil sírios? (**I Reis 20:29**). A nosso ver, cem mil homens não morrem num só dia nem com as mais devastadoras armas modernas. Com as bombas nucleares existe a possibilidade, mas até o momento não nos conta tenha de fato ocorrido. As lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9-8-45 não chegaram a exterminar tanta gente, pelo menos não no primeiro dia. E note-se que não foram arremessadas contra exércitos aguerridos, mas contra populações civis. Se com os recursos altamente sofisticados da tecnologia atual a empresa não é fácil, imagine-se o que não seria nos tempos em que as armas mais letais eram espadas e lanças, e os veículos mais velozes eram carros puxados por cavalos e camelos...

Pela mesma razão não nos parece muito verossímil que o "*Anjo do Senhor*" tenha numa só noite exterminado 180 mil assírios (**II Reis 19:35**), nem que 120 mil "*midianitas*" tenham sido mortos pelos 300 de Gedeão (**Juizes 8:10**), nem que os judeus tenham eliminado em um só dia 120 mil da tribo de Judá, "*todos homens poderosos, por terem abandonado o Senhor Deus de seus pais*" (**II Crônicas 28:6**), e ainda levado cativas 200 mil mulheres e crianças do seu povo irmão (**II Crônicas 28:8**). E o que dizer dos "*500 mil homens escolhidos que caíram feridos em Israel*" (**II Crônicas 13:17**). E o que dizer do 1 milhão (1 milhão!) de etíopes que 'foram destroçados sem restar nem um sequer' ? (**II Crônicas 14:9 e 13**). Será que a Etiópia já dispunha naquele tempo de 1 milhão de habitantes? (nota no rodapé da página: Temos duas bíblias traduzidas Almeida, ambas editadas pela Sociedade Bíblica Brasileira, com redação diversa do cap. 13. A de 1966 diz como esta acima. A de 1969 (edição revista e CORRIGIDA) reza: "*caíram tantos etíopes que já não havia neles vigor algum*"... Veja-se como vão aos poucos alterando o texto!)

(...) jamais nos passaria pela idéia o intuito de amesquinhar o papel da **Bíblia** como regra de fé da Cristandade, e nem seriam pigmeus como nós que ousariam tão inexequível tarefa. Sabemos e proclamamos que ela é o fanal de todos os povos cristãos, e que os preciosos ensinamentos morais nela contidos brilharam e continuarão a brilhar por muitos séculos concorrendo para dissipar as trevas da ignorância dos homens sempre que eles estiverem a altura de os assimilar. Aquilo que unicamente contestamos é a tese da "*iner-rância*" da **Bíblia**, a idéia de que ela encerra toda a Verdade e de tudo quanto contém é a palavra saída dos lábios do próprio Deus. O que afirmamos é que a **Bíblia** foi escrita por homens e por isso mesmo esta repleta de falhas resultantes da imperfeição humana. Pretender que ali esteja a Verdade como um bloco monolítico, é semear confusão na mente de homens que já aprenderam, ou pelo menos deviam ter aprendido, a raciocinar."



Pedro - Primeiro Papa

<mailto:randre@unisys.com.br> <mailto:randre@unisys.com.br> <index.html> <index.html>

Os católicos nos criticam (e também aos protestantes) por não aceitarmos os Papas como sucessores de Pedro e inspirados pelo Espírito Santo.

Vejamos os argumentos usados por eles:

"*Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*" (**Mateus 16:18**)

Na **Epístola aos Efesios**, Cap II, v.20, está escrito claramente que a Igreja está fundamentada sobre a fé dos apóstolos e Profetas, sendo Jesus Cristo a principal pedra do angulo. S. Cirilo escreveu: "*A rocha ou pedra de que nos fala Mateus, é a fé imutável dos apóstolos*". S. Crisóstomo quando, em sua homilia 56 a

respeito de Mateus, escreve: *"Sobre esta rocha edificarei minha igreja: e esta rocha é a confissão de Pedro."*

E qual foi a confissão de Pedro?

Está no versículo 16: *"Tu es Cristo, o Filho de Deus vivo"*.

Santo Agostinho se expressa assim sobre a **Primeira Epistola de S. João**: *"Edificarei minha igreja sobre esta rocha, significa claramente que é sobre a fé de Pedro"*.

No seu tratado 124 sobre o mesmo S. João, encontra-se essa frase: *"Sobre esta rocha, que acabais de confessar, edificarei minha igreja; e a rocha era o próprio Cristo, filho de Deus"*.

Tanto esse santo não acreditava que a Igreja fosse edificada sobre São Pedro, que disse em seu sermão nº 13:

"Tu és Pedro, e sobre esta rocha ou pedra que me confessaste, que reconheceste, dizendo: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, edificarei a minha igreja, sobre mim mesmo; pois sou o Filho de Deus vivo. Edificarei sobre mim mesmo, e não sobre ti."

Haverá coisa mais clara??

Dizem as escrituras que Cristo até proibiu Pedro e seus colegas de reinarem ou exercerem senhorio (**Lucas, XXII, 25 e 26**). Cristo prometeu tronos aos apóstolos (**Mateus, Cap. XIX, v. 28**), sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que os dos outros.

Os concílios do quatro primeiro séculos nunca deram, nem reconheceram o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter.

Claro que Pedro, depois de Jesus desencarnar, seria o ponto de partida para as futuras pregações evangélicas. E assim, depois da crucificação, vamos encontrar Pedro em Jerusalém, como centro irradiador de forças espirituais e de ensinamentos para o Cristianismo nascente. E mais tarde, ao lado de Paulo em Roma, Pedro articula os trabalhos evangélicos que se desenvolviam na grande cidade, trabalhando fielmente até cair vítima da perseguição. Atendendo à sua fé franca e sincera e ao seu espírito ponderado e humilde com muita coragem de lutar, Jesus confia a Pedro a orientação dos primeiros passos do Cristianismo e a direção dos primeiros trabalhos da disseminação do Evangelho.

Mas onde está escrito que Pedro teria sucessores, escolhidos pelos homens, e que esses sucessores viveriam da religião e não para a religião? Onde diz que os sucessores seriam considerados infalíveis e seriam chamados *"santidade"*? Não disse isso, nem que os padres seriam sucessores dos apóstolos com poder de perdoar pecados. Disse que apóstolos perdoassem, pois esses eram médiuns, estavam preparados, sabiam reconhecer quem tinha realmente fé, quem estava realmente transformado e merecia ser perdoado, como fazia Jesus, inclusive CURANDO os enfermos após perdoar, obviamente livrando eles das enfermidades causadas pelos pecados de que agora eram perdoados.

É um absurdo comparar o exemplo de humildade e luta de Pedro com os Papas ao longo da História. Pedro jamais aceitaria o título de *"Santidade"*, muito menos ser considerado infalível. Maior absurdo ainda dizer que o Papa é representante de Jesus ou Deus (o que para os católicos e evangélicos é a mesma coisa) na Terra. Só podemos considerar isso como uma enorme PRESUNÇÃO. Cristo disse: *"O filho do homem não tem uma pedra para reclinar a cabeça, embora as aves do céu tenham seus ninhos e os lobos tenham os seus covis"*. Nasceu numa manjedoura, num lugar modesto, numa gruta. Morreu na cruz. Toda a sua vida foi muito simples. Ele é o chefe da Igreja Católica. Não mais do que isso. O século IX é conhecido pelos escândalos pontificiais. O tempo em que os papas, sanguinários e mundanos, eram designados por mulheres dissolutas, como Teodora e Marozzia. O Papa Gregório, o Grande, condenou o culto aos ídolos e Bonifácio III e IV restabeleceram o mesmo culto. Quais destes era mais infalível e inspirado pelo Espírito Santo? No início do século V, o padre João de Hussinec, mártir e herói nacional da antiga Checoslováquia, reitor da Universidade de Praga, foi mandado pra fogueira pela Igreja, por causa dos seus trabalhos negando a autoridade do Papa, censurando os vícios do clero, as indulgências, etc. Apela os católicos para o fato de Jesus ter prometido assistência para sua Igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Mas Jesus certamente não foi conivente com os absurdos cometidos pela Igreja Católica ao longo da História. Sua Igreja é a de *"um só rebanho e um só pastor"*, e não exclusivamente a Católica ou uma das diversas igrejas evangélicas, cada uma delas dizendo ser a Verdade. Jesus falava da VERDADEIRA IGREJA DO CRISTO, a que leva a reforma íntima, a transformação do indivíduo e, por fim, de toda a Humanidade. O inferno não prevalecera contra os que colocarem seus ensinamentos em prática, e não os dessa ou daquela Igreja. Jesus não criou uma Igreja com uma hierarquia baseada em valores materiais, e sim espirituais.



Inferno

<mailto:randre@unisys.com.br><mailto:randre@unisys.com.br> <index.html><index.html>

**Trecho do Capítulo V do livro *Porque Sou Espírita,*
de Américo Domingos,
com refutações as acusações do
padre Estevão Bittencourt ao Espiritismo no livro "Por que não sou espírita?":**

O quarto argumento trata-se de *“O Conceito de inferno...”*. O padre diz o seguinte: *“Muitas vezes a má compreensão do que seja o inferno leva a rejeitá-lo em favor do reencarnacionismo. Na verdade, o inferno não é um tanque de enxofre fumegante atiçado por diabos munidos de tridentes, mas é um estado de alma, no qual o indivíduo se projeta por dizer NÃO a Deus: após a morte, a pessoa que morre consciente e voluntariamente avessa a Deus, é respeitada em sua opção definitiva, mas não pode deixar de reconhecer que Deus é o Sumo Bem... e o Sumo Bem que continua a amá-la irreversivelmente. É o fato de que Deus ama uma vez por todas, mas foi conscientemente preterido em favor de bagatelas, que causa o tormento do réprobo. Se Deus desviasse do réprobo o seu amor, ele não sofreria o inferno; mas Deus não pode deixar*

de amar, porque Ele não se pode contradizer. É precisamente nisto que está o princípio do inferno. Vê-se assim que o inferno, longe de contradizer o amor de Deus, decorre, de certo modo, da grandeza divina desse amor”.

Se o Sumo Bem que é Deus ama irreversivelmente aos seus filhos, sabendo da ignorância de que se acham revestidos os que se encontram avessos a ELE, não pode de forma alguma respeitar a *“opção definitiva da negação”*, deixando a grande esmagadora maioria da Sua criação ser condenada por todo o sempre. Exatamente por não poder deixar de amar, Deus concede a todos a eternidade do perdão. O *“tormento do réprobo”* é a consciência do espírito remoendo no Plano Extrafísico, oprimindo-o, recriminando-o. Devido a aparência de prolongar-se indefinidamente, o sofrimento do autojulgamento é denominado de *“fogo eterno”*. Na realidade, é o *“fogo do remorso”*. O Mestre Jesus antecipadamente, pôs por terra esse conceito dogmático, com os seguintes ensinamentos, contidos nos versículos a seguir:

1) Certa feita, um discípulo de Jesus perguntou ao Mestre: *“Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe o Cristo: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.* (Mt. 18:21-22)

Incomensurável é o amor de Deus, perdoadando sempre o filho infrator às suas leis;

2) *“Qual dentre vós é o homem que se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou se lhe pedir peixe, lhe dará uma cobra? Ora se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus...”* (Mt. 7:9-11)

Se um pai não castiga eternamente ao seu filho, como pode Deus punir um fruto da Sua criação por todo o sempre?

3) Em **Mateus** 5:25-26: *“Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali enquanto não pagares o último centavo.”*

O Mestre, peremptoriamente, arrasa com o conceito do inferno, dizendo que a prisão é transitória, a pena não é perpétua. Através do *“nascer de novo”*, as dívidas serão resgatadas, pagando-se o último centil. Daí o Cristo ter dito a Nicodemos que todos teriam que reencarnar: *“Importa-vos nascer de novo”* (**João** 3:7)

4) *“Jesus visitou e pregou aos espíritos em prisão”* (**1 Pedro** 3:19)

Este versículo liquida inteiramente com o chamado *“Suplício Eterno”*, porquanto o Mestre foi visitar aos que estavam em sofrimento desde o tempo de Noé (**1 Pedro** 3:20). O ato de visitar e pregar, explicitamente derruba a possibilidade de existência do inferno, porquanto o Cristo foi às regiões inferiores do Plano Espiritual para pregar, isto é, difundir uma doutrina, propagar idéias virtuosas, preconizar a melhoria espiritual de outrem. Certa feita, quando jovem, praticante do protestantismo, abordei o pastor da igreja que freqüentava, a respeito desse versículo. O reverendo teve a petulância de dizer-me que o Mestre foi ao inferno mostrar a Sua glória para os que lá estão definhando por todo o sempre. Com assaz infelicidade, o *“pastor de almas”* enquadrou Cristo como um vulgar sado-masoquista, felicitando-se com o sofrimento alheio. Anteriormente, no meu tempo de infância, professava o Catolicismo. Lembro-me que quando indaguei, do sacerdote que ministrava as aulas de Catecismo, o seguinte: – Padre, se eu for para o céu e minha genitora para o inferno, como me comportarei no paraíso, sabendo que minha mãe está sofrendo? O prelado foi muito infeliz e cruel na resposta, dizendo-me que os eleitos esquecem o que foram na Terra. De imediato, redargüi, afirmando-lhe não acreditar que Deus possa fazer uma lavagem cerebral nos que entram no Éden

eterno. Logo me afastei dessa religião, que prega existir nenhum sentimento de piedade e de caridade, subsistindo naqueles que se encontram na beatitude celestial. Inclusive a **Summa Theologia** de S. Tomás de Aquino; suplemento da parte III, quest. 95, arts 1, 2 e 3, edição de Lião, 1685, T-II, pag. 425, traz a seguinte aberração:

“Os eleitos, no céu, não conservam sentimento algum de amor e amizade pelos réprobos; não sentem por eles compaixão alguma e até gozam do suplício de seus amigos e parentes. Os eleitos o gozam no sentido de que se sentem isentos de torturas, e que, por outro lado, neles terá expirado toda compaixão, porque admirarão a justiça divina” (Retirado do livro **Cristianismo e Espiritismo**, pag. 247, 6.a edição, FEB).

5) No **Antigo Testamento**, no livro de **Isaías**, capítulo 57, versículo 16, está bem claro que não existe condenação eterna: “... não contenderei para sempre, nem me indignarei continuamente, porque, do contrário, o espírito definharia diante de mim e o fôlego da vida que eu criei”.

6) A seguinte passagem do Evangelho nos revela que o sofrimento, após a morte física, é padecido com diferenciação e tem finalidade corretiva: “Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade de seu Senhor e fez coisas dignas de reprovação, levará poucos açoites” (**Lc. 12:47-48**) O “**inferno**”, além de não ser eterno, não é o mesmo para todos os pecadores. O próprio Jesus esclarece esta questão, em continuação ao versículo 48: “Mas àquele a quem muito foi dado muito mais lhe pedirão”. Portanto, os espíritos, que reencarnam com conhecimentos espirituais, ou que os adquirem na presente existência, já não sendo mais “porcos para quem não devam ser lançadas pérolas, nem cães para os quais as coisas santas não devam ser dadas” (**Mt. 7:6**), têm grande responsabilidade e são mais culpados, diante do insucesso na existência física, levando ao “**inferno do remorso**” (muitos açoites), que os outros espíritos que falharam, sem o conhecimento prévio das coisas espirituais, com o remorso remoendo menos (poucos açoites), já que não tinham idéia precisa do mal em que incorreram. Na verdade, existem inúmeros estados de sofrimentos, como inúmeros são nossos erros, porém os erros de uma única existência, jamais poderiam justificar o sofrimento por toda a Eternidade. Se o ser está lesado em seu espírito, devido ao mau procedimento em vida passada, vivendo intenso sofrimento espiritual (**fogo eterno**), é necessário que reencarne, marcando no corpo físico a sua deficiência, tendo a oportunidade da cura total, através do seu procedimento diante do resgate, expurgando do corpo espiritual a chaga que o maltratava. No decurso de existências sucessivas, o espírito se vai aprimorando e tornando-se apto, através da evolução espiritual, de compreender e habitar o Universo. A Espiritualidade, por intermédio das Escrituras, nos revela a grandiosidade da lei da reencarnação, que permite o nosso aprimoramento, em época certa, quando já teremos “**olhos para ver**” e “**ouvidos para ouvir**”, (**Mt 11:15**). Tudo realmente tem uma causa e fomos criados para a ventura eterna. Com o pensamento voltado para o oceano de galáxias, revelando a grandiosidade da criação, ouvimos, no nosso íntimo, as palavras do representante maior da Divindade, em nosso planeta: “Na casa de meu Pai há muitas moradas...” (**Jo. 14:2**). O Universo espelha a eternidade de nossos espíritos e nos mostra que o seu Autor, sendo Onisciente e, produzindo uma obra tão gigantesca e maravilhosa, não erraria ao ponto de permitir o “**inferno eterno**” e deixar que o fruto de Sua Criação, “feito à sua imagem e semelhança” – (**Gênesis 1:27**), percesse para todo o sempre. Sem reencarnação só restam o caos e a desesperança (retirado do capítulo “**Inferno Eterno ou Reencarnação**”, do livro **A Queda dos Véus**, publicado pelo Centro Espírita Léon Denis, do mesmo autor, Américo Domingos Nunes Filho).



DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

Kardec, em "O Céu e o Inferno":

<mailto:randre@unisys.com.br><mailto:randre@unisys.com.br>[index.html](mailto:randre@unisys.com.br)[index.html](mailto:randre@unisys.com.br)

1. - A Igreja de modo algum nega a realidade das manifestações. Ao contrário, como vimos nas citações precedentes, admite-as totalmente, atribuindo-as à exclusiva intervenção dos demônios. É debalde invocar os Evangelhos como fazem alguns para justificar a sua interdição, visto que os Evangelhos nada dizem a esse respeito. O supremo argumento que prevalece é a proibição de Moisés. A seguir damos os termos nos quais se refere ao assunto a mesma pastoral que citamos nos capítulos precedentes: “**Não é permitido entreter relações com eles (os Espíritos), seja imediatamente, seja por intermédio dos que os evocam e interrogam. A lei mosaica punia os gentios. «Não procureis os mágicos», diz o Levítico, «nem procureis saber coisa alguma dos adivinhos, de maneira a vos contaminardes por meio deles». (Cap. XIX, v. 31) «Morra de morte o homem ou a mulher em quem houver Espírito pitônico; sejam apedrejados e sobre eles recaia seu sangue». (Cap. XX, v. 27) O Deuterônimo diz: «Nunca exista entre vós quem consulte adivinhos, quem observe sonhos e agouros, quem use de malefícios, sortilégios, encantamentos, ou consultem os que têm o Espírito pitônico e se dão a práticas de adivinhação interrogando os mortos. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa entrada, as nações que cometem tais crimes.» (Cap. XVIII, vv. 10, 11 e 12)**

2. - É útil, para melhor compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, reproduzir por completo o texto um tanto abreviado na citação antecedente. Ei-lo: *"Não vos desvieis do vosso Deus para procurar mágicos; não consulteis os adivinhos, e receai que vos contamineis dirigindo-vos a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus."* (**Levítico**, cap. XIX, v. 31) *"O homem ou a mulher que tiver Espírito pitônico, ou de adivinho, morra de morte. Serão apedrejados, e o seu sangue recairá sobre eles."* (**Idem**, cap. XX, v. 27) *Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos há de dar, guardai-vos; tomai cuidado em não imitar as abominações de tais povos; – e entre vós ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos: que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido."* (**Deuteronômio**, cap. XVIII, vv. 9, 10, 11 e 12)

3. - Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, força é que o seja igualmente em todos os outros. Por que seria ela boa no tocante às evocações e má em outras de suas partes? É preciso ser conseqüente. Desde que se reconhece que a lei mosaica não está mais de acordo com a nossa época e costumes em dados casos, a mesma razão procede para a proibição de que tratamos. Demais, é preciso expender os motivos que justificavam essa proibição e que hoje se anularam completamente. O legislador hebreu queria que o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos, como se infere destas palavras de Isaías: *"O Espírito do Egito se aniquilará de si mesmo e eu precipitarei seu conselho; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos."* (**Isaías**, Cap. XIX, v. 3.)

Os israelitas não deviam contratar alianças com as nações estrangeiras, e sabido era que naquelas nações que iam combater encontrariam as mesmas práticas. Moisés devia pois, por política, inspirar aos hebreus aversão a todos os costumes que pudessem ter semelhanças e pontos de contato com o inimigo. Para justificar essa aversão, preciso era que apresentasse tais práticas como reprovadas pelo próprio Deus, e daí estas palavras: – *"O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometem tais crimes."*

4. - A proibição de Moisés era assaz justa, porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares. As seguintes palavras do profeta justificam o asserto: – *"Quando vos disserem: Consultai os mágicos e adivinhos que balbuciam encantamentos, respondei: - Não consulta cada povo ao seu Deus? E aos mortos se fala do que compete aos vivos?"* (**Isaías**, cap. VIII, v. 19.) *"Sou eu quem aponta a falsidade dos prodígios mágicos; quem enlouquece os que se propõem adivinhar, quem transtorna o espírito dos sábios e confunde a sua ciência vã."* (**Isaías**, Cap. XLIV, v. 25.)

"Que esses adivinhos, que estudam o céu, contemplan os astros e contam os meses para fazer predições, dizendo revelar-vos o futuro, venham agora salvar-vos. – Eles tornaram-se como a palha, e o fogo os devorou; não poderão livrar suas almas do fogo ardente; não restarão das chamas que despedirem, nem carvões que possam aquecer, nem fogo ao qual se possam sentar. – Eis ao que ficarão reduzidas todas essas coisas das quais vos tendes ocupado com tanto afínco: os traficantes que convosco traficam desde a infância foram-se, cada qual para seu lado, sem que um só deles se encontre que vos tire os vossos males." (**Isaías**, Cap. XLVII, vv. 13, 14 e 15.) Neste capítulo Isaías dirige-se aos babilônios sob a figura alegórica *"da virgem filha de Babilônia, filha de caldeus"*. (**Isaías**, XLVII, v. 1.) Diz ele que os adivinhos não impedirão a ruína da monarquia. No seguinte capítulo dirige-se diretamente aos israelitas. *"Vinde aqui vós outros, filhos de uma agoureira, raça dum homem adúltero e de uma mulher prostituída. - De quem vos rides vós? Contra quem abristes a boca e mostrastes ferinas línguas? Não sois vós filhos perversos de bastarda raça - vós que procurais conforto em vossos deuses debaixo de todas as frentes, sacrificando-lhes os tenros filhinhos nas torrentes, sob os rochedos sobranceiros? Depositastes a vossa confiança nas pedras da torrente, espalhastes e bebestes licores em sua honra, oferecestes sacrificios."* Depois disso como não se acender a minha indignação? (**Isaías**, Cap. LVII, vv. 3, 4, 5 e 6.)

Estas palavras são inequívocas e provam claramente que nesse tempo as evocações tinham por fim a adivinhação, ao mesmo tempo que constituíam comércio, associadas às práticas da magia e do sortilégio, acompanhadas até de sacrificios humanos. Moisés tinha razão, portanto, proibindo tais coisas e afirmando

que Deus as abominava. Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até à Idade Média, mas hoje a razão predomina, ao mesmo tempo que o Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo. Uma vez, porém, que os espíritas não sacrificam criancinhas nem fazem libações para honrar deuses; uma vez que não interrogam astros, mortos e áugures para adivinhar a verdade sabiamente velada aos homens; uma vez que repudiam traficar com a faculdade de comunicar com os Espíritos; uma vez que os não move a curiosidade nem a cupidez, mas um sentimento de piedade, um desejo de instruir-se e melhorar-se, aliviando as almas sofredoras; uma vez que assim é, porque o é – a proibição de Moisés não lhes pode ser extensiva. Se os que clamam injustamente contra os espíritas se aprofundassem mais no sentido das palavras bíblicas, reconheceriam que nada existe de análogo, nos princípios do Espiritismo, com o que se passava entre os hebreus. A verdade é que o Espiritismo condena tudo que motivou a interdição de Moisés; mas os seus adversários, no afã de encontrar argumentos com que rebatam as novas idéias, nem se apercebem que tais argumentos são negativos, por serem completamente falsos. A lei civil contemporânea pune todos os abusos que Moisés tinha em vista reprimir. Contudo, se ele pronunciou a pena última contra os delinqüentes, é porque lhe faleciam meios brandos para governar um povo tão indisciplinado. Esta pena, ao demais, era muito prodigalizada na legislação mosaica, pois não havia muito onde escolher nos meios de repressão. Sem prisões nem casas de correção no deserto, Moisés não podia graduar a penalidade como se faz em nossos dias, além de que o seu povo não era de natureza a atemorizar-se com penas puramente disciplinares. Carecem portanto de razão os que se apoiam na severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Conviria, por consideração à lei de Moisés, manter a pena capital em todos os casos nos quais ele a prescrevia? Por que, então, reviver com tanta insistência este artigo, silenciando ao mesmo tempo o principio do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse de bens

terrenos e partilhar de qualquer herança, porque o Senhor é a sua própria herança? (**Deuterônomo, cap. XXVIII, vv. 1 e 2.**)

5. - Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o Sinal, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e caráter do povo. Uma dessas leis é invariável, ao passo que a outra se modifica com o tempo, e a ninguém ocorre que possamos ser governados pelos mesmos meios por que o eram os judeus no deserto e tampouco que os capitulares de Carlos Magno se moldem à França do século XIX. Quem pensaria hoje, por exemplo, em reviver este artigo da lei mosaica: *"Se um boi escornar um homem ou mulher, que disso morram, seja o boi apedrejado e ninguém coma de sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente"*? (**Êxodo, cap. XXI, vv. 28 e seguintes.**) Este artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha, no entanto, outro objetivo que o de punir o boi e inocentar o dono, equivalendo simplesmente à confiscação do animal, causa do acidente, para obrigar o proprietário a maior vigilância. A perda do boi era a punição que devia ser bem sensível para um povo de pastores, a ponto de dispensar outra qualquer; entretanto, essa perda a ninguém aproveitava, por ser proibido comer a carne. Outros artigos prescrevem o caso em que o proprietário é responsável. Tudo tinha sua razão de ser na legislação de Moisés, uma vez que tudo ela prevê em seus mínimos detalhes, mas a forma, bem como o fundo, adaptavam-se às circunstâncias ocasionais. Se Moisés voltasse em nossos dias para legislar sobre uma nação civilizada, de certo não lhe daria um código igual ao dos hebreus.

6. - A esta objeção opõem a afirmativa de que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como as do Sinal. Mas julgando-as todas de fonte divina, por que ao decálogo limitam os mandamentos? Qual a razão de ser da diferença? Pois não é certo que se todas essas leis emanam de Deus devem todas ser igualmente obrigatórias? E por que não conservaram a circuncisão, à qual Jesus se submeteu e não aboliu? Ah! esquecem que, para dar autoridade às suas leis, todos os legisladores antigos lhes atribuíam uma origem divina. Pois bem: Moisés, mais que nenhum outro, tinha necessidade desse recurso, atento o caráter do seu povo; e se, a despeito disso, ele teve dificuldade em se fazer obedecer, que não sucederia se as leis fossem promulgadas em seu próprio nome! Não veio Jesus modificar a lei mosaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos? Não disse ele: – *"Vós sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e eu vos digo tal outra coisa?"* Entretanto Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, Jesus nunca aludiu em parte alguma à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido nas suas prédicas, mormente tendo ele tratado de outros assuntos secundários.

7. - Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica, ou por outra, se é mais judia que cristã. Convém também notar que, de todas as religiões, precisamente a judia é que faz menos oposição ao Espiritismo, porquanto não invoca a lei de Moisés contrária às relações com os mortos, como fazem as seitas cristãs.

8. - Mas temos ainda outra contradição: – Se Moisés proibiu evocar os mortos, é que estes podiam vir, pois do contrário inútil fora a proibição. Ora, se os mortos podiam vir naqueles tempos, também o podem hoje; e se são Espíritos de mortos os que vêm, não são exclusivamente demônios. Demais, Moisés de modo algum fala nesses últimos. É duplo, portanto, o motivo pelo qual não se pode aceitar logicamente a autoridade de Moisés na espécie, a saber: – primeiro, porque a sua lei não rege o Cristianismo; e, segundo, porque é imprópria aos costumes da nossa época. Mas, suponhamos que essa lei tem a plenitude da autoridade por alguns outorgada, e ainda assim ela não poderá, como vimos, aplicar-se ao Espiritismo. É verdade que a proibição de Moisés abrange a interrogação dos mortos, porém de modo secundário, como acessória às práticas da feitiçaria.. O próprio vocábulo interrogação, junto aos de adivinho e agoureiro, prova que entre os hebreus as evocações eram um meio de adivinhar; entretanto, os espíritas só evocam mortos para receber sábios conselhos e obter alívio em favor dos que sofrem, nunca para conseguir revelações ilícitas. Certo, se os hebreus usassem das comunicações como fazem os espíritas, longe de as proibir, Moisés acorçoa-las-ia, porque o seu povo só teria que lucrar.

9. - É certo que alguns críticos jucundos ou mal-intencionados têm descrito as reuniões espíritas como assembléias de nigromantes ou feiticeiros, e os médiuns como astrólogos e ciganos, isto porque talvez quaisquer charlatães tenham afeiçoado tais nomes às suas práticas, que o Espiritismo não pode, aliás, aprovar. Em compensação, há também muita gente que faz justiça e testemunha o caráter essencialmente moral e grave das reuniões sérias. Além disso, a Doutrina, em livros ao alcance de todo o mundo, protesta bem alto contra os abusos, para que a calúnia recaia sobre quem merece.

10. - A evocação, dizem, é uma falta de consideração para com os mortos, cujas cinzas devem ser respeitadas. Mas quem é que diz tal? São os antagonistas de dois campos opostos, isto é, os incrédulos que nas almas não crêem, e os crédulos que pretendem que só os demônios, e não as almas, podem vir. Quando a evocação é feita com recolhimento e religiosamente; quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e simpatia, com desejo sincero de instrução e progresso, não vemos nada de irreverente em apelar-se para as pessoas mortas, como se fizera com os vivos. Há, contudo, uma outra resposta peremptória a essa objeção, e é que os Espíritos se apresentam espontaneamente, sem constrangimento, muitas vezes mesmo sem que sejam chamados. Eles também dão testemunho da satisfação que experimentam por comunicar-se com os homens, e queixam-se às vezes do esquecimento em que os deixam. Se os Espíritos se perturbassem ou se agastassem com os nossos chamados, certo o diriam e não retornariam; porém, nessas evocações, livres como são, se se manifestam, é porque lhes convém.

11. - Ainda uma outra razão é alegada: – As almas permanecem na morada que a justiça divina lhes designa – o que equivale dizer no céu ou no inferno. Assim, as que estão no inferno, de lá não podem sair, posto que para tanto a mais ampla liberdade seja outorgada aos demônios. As do céu, inteiramente entregues à sua beatitude, estão muito superiores aos mortais para deles se ocuparem, e são bastantemente felizes para não voltarem a esta terra de misérias, no interesse de parentes e amigos que aqui deixassem. Então essas almas podem ser comparadas aos nababos que dos pobres desviam a vista com receio de perturbar a digestão? Mas se assim fora essas almas se mostrariam pouco dignas da suprema bem-aventurança, transformando-se em padrão de egoísmo! Restam ainda as almas do purgatório, porém, estas, sofredoras como devem ser,

antes que doutra coisa, devem cuidar da sua salvação. Deste modo, não podendo nem umas nem outras almas corresponder ao nosso apelo, somente o demônio se apresenta em seu lugar. Então é o caso de dizer: se as almas não podem vir, não há de que recear pela perturbação do seu repouso.

12. - Mas aqui reponta uma outra dificuldade. Se as almas bem-aventuradas não podem deixar a mansão gloriosa para socorrer os mortais, por que invoca a Igreja a assistência dos santos que devem fruir ainda maior soma de beatitude? Por que aconselha invocá-los em casos de moléstia, de aflição, de flagelos? Por que razão e segundo essa mesma Igreja os santos e a própria Virgem aparecem aos homens e fazem milagres? Estes deixam o céu para baixar à Terra; entretanto os que estão menos elevados não o podem fazer!

13. - Que os cépticos neguem a manifestação das almas, vá, visto que nelas não acreditam; mas o que se torna estranhável é ver encarniçar-se contra os meios de provar a sua existência, esforçando-se por demonstrar a impossibilidade desses meios, aqueles mesmos cujas crenças repousam na existência e no futuro das almas! Parece que seria mais natural acolherem como benefício da Providência os meios de confundir os cépticos com provas irrecusáveis, pois que são os negadores da própria religião. Os que têm interesse na existência da alma deploram constantemente a avalanche da incredulidade que invade, dizimando-o, o rebanho de fiéis: entretanto, quando se lhes apresenta o meio mais poderoso de combatê-la, recusam-no com tanta ou mais obstinação que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas avultam de modo a não deixar dúvidas, eis que procuram como recurso de supremo argumento a interdição do assunto, buscando, para justificá-la, um artigo da lei mosaica do qual ninguém cogitara, emprestando-lhe, à força, um sentido e aplicação inexistentes. E tão felizes se julgam com a descoberta, que não percebem que esse artigo é ainda uma justificativa da Doutrina Espírita.

14. - Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame sério. Pelo ardor com que se combate nesse sentido é fácil deduzir o grande interesse ligado ao assunto. Daí a insistência. Em vendo esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que delas se atemorizam. O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende obscurecer, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, a par das verdadeiras condições para nele serem felizes ou desgraçados. A razão deve ser a mesma por que se diz à criança: – *"Não vá lá, que há lobisomens."* Ao homem dizem: – *"Não chameis os Espíritos: – São o diabo."* – Não importa, porém: – impedem os homens de os evocar, mas não poderão impedi-los de vir aos homens para levantar a lâmpada de sob o alqueire. O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que temer da luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio nada pode contra esta.

15. - Repelir as comunicações de além-túmulo é repudiar o meio mais poderoso de instruir-se, já pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, já pelos exemplos que tais comunicações nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, o bem que podemos fazer, desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a desprenderem-se da matéria e a se aperfeiçoarem. Interdizer as comunicações é, portanto, privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar. As seguintes palavras de um Espírito resumem admiravelmente as conseqüências da evocação, quando praticada com fim caritativo: *"Todo Espírito sofredor e desolado vos contará a causa da sua queda, os desvarios que o perderam. Esperanças, combates e terrores; remorsos, desesperos e dores, tudo vos dirá, mostrando Deus justamente irritado a punir o culpado com toda a severidade. Ao ouvi-lo, dois sentimentos vos acometerão: o da compaixão e o do temor! compaixão por ele, temor por vós mesmos. E se o seguirdes nos seus queixumes, vereis então que Deus jamais o perde de vista, esperando o pecador arrependido e estendendo-lhe os braços logo que procure regenerar-se. Do culpado vereis, enfim, os progressos benéficos para os quais tereis a felicidade e a glória de contribuir, com a solicitude e o carinho do cirurgião acompanhando a cicatrização da ferida que pensa diariamente."* (Bordéus, 1861.)

Capítulo II do livro **Porque Sou Espírita**, onde Américo Domingos Nunes Filho refuta as acusações de Dom Estevão Bittencourt a Doutrina Espírita:

Para a devida refutação das agressões do autor à Doutrina Espírita, comentarei de parágrafo em parágrafo as suas assertivas. Diz o religioso *"Um dos fatores mais atraentes do Espiritismo é a aparente comunicação com 'os espíritos desencarnados', estes parecem acompanhar os vivos, consolando-os e orientando-os; é o que ocorre nos casos do copo falante, da psicografia, das casas mal-assombradas, etc."* O clérigo enquadra a comunicação espírita como *"aparente"*. Afirma que os espíritos desencarnados *"parecem"* acompanhar os vivos. Com essa afirmação gratuita, o prelado está negando os inúmeros fenômenos que aconteceram nos ambientes ligados à sua crença, como também os que se verificaram em terras do Oriente, segundo o relato do Antigo e Novo Testamentos. Desde os tempos primitivos o homem pode ver e ouvir os Espíritos. Os fenômenos de vidência e audiência atestam a presença de seres espirituais, confirmando a imortalidade.

No **Antigo Testamento**, o sacerdote Eli é observador de um fato mediúnico de grande significância. O profeta Samuel, ainda jovem, na sua primeira experiência paranormal, ouvia uma voz que pensava ser a de Eli, deitado próximo a ele. O sacerdote percebeu que Samuel estava sendo utilizado, como intermediário, captando mensagens do Plano Superior (**Primeiro Livro de Samuel 3:1-14**). Enquanto o exemplo anterior

retrata um caso marcante de audiência, trago agora outros tipos de mediunidade, onde a vidência também é relacionada.

O protagonista foi Daniel, célebre profeta judaico da corte da Babilônia. Enquanto presenciava uma visão com *“a aparência de um homem”* (**Daniel 8:15**), ouviu a voz de um varão que estava as margens do rio Ulai, a qual gritou: *“Gabriel, dá a entender a este a visão”* (**Daniel 8:16**). Gabriel quer dizer *“Homem da Luz”*. Um Espírito situado em alto grau de evolução, apareceu a Daniel tão nitidamente que o deixou amedrontado (**Daniel 8:17**). O valoroso profeta, em outra circunstância, viu uma entidade de grande expressão, totalmente iluminada. Os homens que estavam com Daniel nada viram. Ouvindo a voz estrondosa, caiu sem sentidos, rosto em terra. (**Daniel 10:5-9**) Contestando, a priori, a ação inteligente dos habitantes do Mundo Espiritual junto aos seres terrenos, o padre vibra em consonância com as correntes espirituais inferiores que recusam a revelação divina, transmitida a Humanidade por Benfeitores Espirituais, através de inúmeros intermediários (*médiuns ou profetas*). No livro de Jó, há o relato de uma passagem bem significativa, provando, o que o eclesiástico nega, a presença insofismável da individualidade espiritual. Declara Jó: *“Então, um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos do meu corpo; parou ele, mas não lhe discerni a aparência; um vulto estava diante de meus olhos; houve silêncio, e ouvi uma voz”* (**Livro de Jó 4:15-16**). Afirmando que a comunicação mediúmica não é real, o catolicismo, representado por um de seus sacerdotes, está anatematizando a própria **Bíblia**, denominada de *“Sagrada”* pela Igreja. Em **Atos dos Apóstolos**, um discípulo chamado Ananias, em Damasco, vê o Mestre Jesus e dialoga com ele. O Cristo lhe outorga a missão de procurar por Paulo, dizendo-lhe: *“Vai, porque esta é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios...”* (**Capítulo 9, versículos 10 a 16**). Conforme se observa, Ananias era um exímio médium vidente e audiente. Através de suas faculdades medianímicas, foi incumbido por Jesus para uma tarefa grandiosa. Entrando na casa onde se encontrava Saulo, apelidado de Tarso, impôs sobre ele as suas mãos e o *“convertido de Damasco”* tornou a ver. É possível constatar, também, em Ananias, a mediunidade de cura, retirando a cegueira de Saulo, através da aplicação de passes. Lendo a **Bíblia**, utilizando a ótica do bom senso, os textos passam a ser bem entendidos e a lógica aparece aos olhos do observador. O texto citado acima, parece até uma descrição dos fatos que acontecem dentro dos trabalhos práticos espíritas, onde a mediunidade recebe a devida atenção, já que seu exercício é, segundo relato religioso, *“um dos fatores mais atraentes do Espiritismo”*.

(...)

O **Evangelho de Lucas** revela a visão presenciada por Zacarias, no interior do santuário do templo, quando um Mensageiro Espiritual, chamado Gabriel, aparece ao ancião, comunicando-lhe a notícia alvissareira da encarnação de um grande missionário em seu lar, um filho, a quem seria chamado de João. A entidade relata a Zacarias a respeito da elevada posição hierárquica do Espírito a encarnar (**Lucas 1:14-15**), revelando-o como o profeta Elias que teria de voltar, segundo uma profecia de Malaquias. Inclusive, Gabriel repete a mesma frase, dita por Malaquias, quando alude à reencarnação de Elias: *“E irá adiante dele no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos”* (**Lucas 1:17 e Malaquias 4:5-6**) O arauto angelical Gabriel, descrito como *“homem”* por Daniel (**Daniel 9:12**), é o mesmo ser desencarnado que aparece depois a Maria, anunciando-lhe o nascimento de Jesus. Mais uma vez, o fenômeno mediúmico se destaca nessas passagens evangélicas. Ignorá-lo, é desconhecer a verdade absoluta que emerge dos textos bíblicos. Não reconhecê-lo, corresponde a não aceitar como verdadeiro **O Livro dos Espíritos**. O reverendo Bittencourt, na trevosa ação de inútil ceifador do Espiritismo, está também demolindo os alicerces de sua própria crença, negando a própria *“palavra de Deus”*, a Bíblia, o *“livro sagrado”* do Clero. (...) Na **Primeira Epístola de Pedro**, Capítulo um, versículo onze, está inserida a comprovação de que os profetas serviram de intérpretes da Espiritualidade Superior: *“O Espírito Jesus estava com os profetas”*, como também a afirmação do **Livro dos Atos dos Apóstolos**, capítulo sete, versículo cinquenta e três: *“Os profetas receberam a lei por ministério dos anjos”*, ou seja, através de mensageiros espirituais. Os profetas eram, portanto, médiuns, dotados, principalmente, da mediunidade da Psicofonia ou Incorporação. (...) Quanto ao fato de espíritos inferiores, ainda não esclarecidos, poderem-se comunicar, é preciso esclarecer que nem sempre mediunismo é Doutrina Espírita. Os profetas da 'Terceira Revelação Divina' seguem, com muita vigilância e atenção, o ensinamento de João: *“Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes, provai os espíritos se procedem de Deus”* (**1ª Epístola 4:1**) Um único texto do Novo Testamento põe por terra a afirmação do clérigo de que não há comunicação de Espíritos. O ensinamento de João é bem claro: existem seres esclarecidos (*provêm de Deus*) e Seres Inferiores (*não dão crédito*) (...)

Na realidade, o prelado, afirmando a heresia de que os desencarnados parecem acompanhar os vivos, está fornecendo um atestado de repúdio às letras bíblicas. Afinal, que estavam fazendo, em alto monte, os espíritos desencarnados, Elias e Moisés, materializados, acompanhando os 'vivos' que lá estavam, representados por Jesus, Pedro, Tiago e João?

(...)

A propósito, tenho ainda outras abordagens bíblicas, a serem digeridas por todos aqueles que negam a presença dos desencarnados, acompanhando os “vivos”:

1 - Após a transfiguração de Jesus e já aparecendo, materializados, dois grandes vultos do **Antigo Testamento**, Moisés e Elias, deveriam estar os apóstolos Pedro, Tiago e João bem acordados, e, sem dúvidas, tensos, devido a grande quantidade de adrenalina circulante em seus corpos. Contudo, para tristeza dos que negam o fenômeno mediúnico e para gáudio dos espíritas, o evangelista Lucas diz que “*Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono*” (**Lucas 9:32**). Por que estavam adormecidos?

2 - No primeiro livro de Reis, há também uma descrição bem expressiva, em relação ao tema. O profeta Elias achava-se em fuga, porquanto estava jurado de morte pelo assassinio dos profetas de Baal. Depois de uma longa caminhada pelo deserto, assentou-se debaixo de um arbusto. “*Deitou-se, e DORMIU debaixo do zimbro*” (**I Reis 19:5**). Um mensageiro espiritual, materializado, toca-o e lhe diz: “*Levanta-te e coma*”. A sua frente, se encontravam, materializados, um pão cozido sobre pedras e uma botija de água. Após ter comido e bebido, voltou a dormir. Após algum tempo, ressurgiu novamente, materializado, o ser espiritual, tocando outra vez em Elias, mandando-lhe comer e beber. A seguir, ordenou-lhe a partida (**I Reis 19:6-8**) Por que dou tanta importância ao fato de Elias estar adormecido, antes da chegada do espírito materializado?

3 - No livro dos Atos dos Apóstolos, encontra-se a informação de que Pedro se achava aprisionado à mando de Herodes, DORMINDO na prisão, entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias. Eis, porém, que surge uma entidade espiritual, materializada, e a cela apresenta-se totalmente iluminada. O ser extrafísico, tocando o lado de Pedro; o desperta e lhe diz: “*Levanta-te depressa. Cinge-te, a calça as tuas sandálias. Põe a tua capa, e segue-me*” (**Atos 12:5-8**). A seguir o Evangelista Lucas cita duas referências a Pedro que, “*para os que não tem ouvidos para ouvir*”, parecem ser enigmáticas: “*Pedro não sabia o que era real, o que se fazia por meio do anjo ou mensageiro espiritual; parecia-lhe uma visão*” (**Atos 12:9**). “*Então, Pedro, caindo em si...*” (**Atos 12:11**) Por que grifei Pedro dormindo no cárcere? Qual a explicação para as impressões vivenciadas pelo apóstolo já fora da cela?

4 - O fato a seguir ocorreu com Paulo e Silas, açoitados e presos. Os valorosos discípulos de Jesus se encontravam no cárcere, com os pés presos a um tronco. “*Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus... de repente sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas, soltaram-se as cadeias de todos*” (**Atos 16:23-26**) No outro versículo, está uma afirmação assaz claríssima para o entendimento espírita: “*O Carcereiro despertou do SONO*” (**Atos 16:27**). Por que mais uma vez foi ressaltado o fato de alguém estar dormindo? Por que os textos ressaltam alguém estar adormecido, num momento tão importante como o da materialização de Espíritos? Sem dúvida, a palavra autorizada do Consolador surge à nossa frente. O Mestre não nos deixou órfãos, já que a Revelação Espírita, com o beneplácito da ciência, vem esclarecer a todos a respeito da Ectoplasmia e responder as questões por mim formuladas. O Espiritismo ensina que tanto no fenômeno da Materialização, como no de Efeitos Físicos, há o aproveitamento de uma substância, eliminada por um médium, adormecido, denominada ectoplasma. Na materialização, o ser desencarnado se apresenta visível e tangível, devido a impregnação de sua vestimenta espiritual pelo ectoplasma, cedido por um sensitivo, acrescido dos que se formam dos participantes da reunião ou, até mesmo, da natureza. A produção de efeitos físicos é realizada, graças a uma condensação de ectoplasma, dando ensejo à produção de pancadas, ruídos, voz direta e sematologia. Tanto nos fenômenos de efeitos físicos, quanto na Materialização, há necessidade da presença de um médium que tenha a faculdade de liberar substância essencial à realização do fenômeno da ectoplasmia. O sensitivo recolhe-se a uma cabine escura onde se deita e, profundamente adormecido, exterioriza-se o ectoplasma por diversos orifícios do seu corpo, principalmente da boca e das narinas. (...) No “**Monte da Transfiguração**”, os apóstolos Pedro, Tiago e João serviram-se de médiuns, cedendo ectoplasma para a materialização de Moisés e Elias. Daí o fato de estarem “*premidos de sono*”. O fato acontecido com Pedro foi semelhante ao acontecido com Elias. Estava dormindo, em transe profundo, cedendo ectoplasma, proporcionando a aparição tangível de um Arauto Espiritual que, inclusive, toca em Pedro, acordando-o. Ao sair da prisão, o discípulo

acompanhava o Espírito, pensando ter uma visão, isto é, acreditando-se fora do corpo físico, em desdobramento ou projeção da consciência. Estava realmente confuso, o que vem confirmar que estava acordando de um transe profundo. Essa hipótese é real, porquanto o apóstolo já sozinho, “*caiu em si*”, isto é, estava compreendendo o que se passava, achando-se “*inteiramente lúcido*” (Atos 12:11). Em relação a Paulo e Silas, curiosamente, era o carcereiro, o médium de ectoplasma. Daí o texto ser bem claro: “*O carcereiro despertou do sono*”. Para os que já têm '*OLHOS DE VER*' e '*OUVIDOS DE OUVIR*' é perfeitamente entendida a mensagem, um tanto enigmática da **Bíblia**, em que nos fenômenos de materialização e de efeitos físicos descreve-se sempre alguém adormecido. (...) O prelado cita os '*aparentes*' fenômenos do '*copo falante*', da psicografia e das casas mal-assombradas. A sematologia resume-se na movimentação de objetos mediante a ação dos espíritos sobre a matéria inerte. Talvez o padre desconheça que, na Bíblia, existe uma referência à prática da mediunidade do copo. É encontrada, no **Livro de Gênesis**, capítulo 44, versículo 5: o undécimo filho de Jacó e o mais velho de Raquel, José, personagem ilustre do Antigo Testamento, utilizou '*o copo, em que bebia, para fazer adivinhações*'. Na **Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille** (SPLEB), tive a oportunidade de presenciar várias reuniões de Sematologia. Alguns parapsicólogos relatam que o fenômeno é causado pela ação do 'inconsciente dos sensitivos'. Pois bem, os médiuns que estavam em ação, movendo o copo, eram todos cegos, botando por terra as razões materialistas para o processo da Sematologia. Quanto a psicografia, há relatos e comprovações científicas abundantes dos trabalhos desempenhados por Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Mirabelli e muitos outros. Inclusive, mensagens celeremente escritas, no papel, em idioma estrangeiro não conhecido pelo médium. Algumas comunicações apresentando-se com as palavras dispostas de trás pra frente, podendo somente ser lidas ao espelho. Outras, sendo encerradas com a mesma assinatura que o '*morto*' tinha em vida. Em relação ao fenômeno de '*Poltergeist*', existem, amiúde, pesquisas científicas atestando a presença de espíritos do além agindo no ambiente, utilizando a energia ectoplasmática de um médium."



Capítulo VIII do mesmo livro:

"Agora, o sacerdote utiliza-se das armas das chamadas **Escrituras Sagradas** e da munição das leis mosaicas, para combater a Doutrina dos Espíritos, relatando o seguinte:

Para quem é cristão, o texto bíblico tem valor de guia fundamental. Ora, a **Bíblia** condena eloqüentemente a evocação dos mortos:

Lv 19, 31: “*Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam*”

Lv 20, 6: “*Aquele que recorrer aos necromantes e aos adivinhos para se prostituir com eles, voltar-me-ei contra esse homem e o exterminarei do meio do seu povo*”.

Lv 20,27: “*O homem ou a mulher que, entre vós, for necromante ou adivinho, será morto, será apedrejado, e o seu sangue cairá sobre ele ou ela.*”

Dt 18,10-14: “*Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interroge espíritos ou adivinhos, ou ainda que evoque os mortos; pois quem pratica essas coisas é abominável a Javé... Eis que as nações que vais conquistar, ouvem oráculos e adivinhos. Quanto a ti, isso não te é permitido por Javé teu Deus*”. (Ver ainda **II Rs** 17, 17; **Is** 8,19s)

Antes de abordar o assunto da suposta condenação da mediunidade, fico surpreso que de toda a **Bíblia**, contendo, em especial, os dignificantes ensinamentos do **Novo Testamento**, o sacerdote se socorra de alguns textos de Moisés, esquecendo-se ou ignorando os demais do **Antigo Testamento**.

Trago, então, algumas considerações, com exemplos, para meditação e esclarecimento de todos os irmãos, retirados do livro **Razão e Dogma**, de minha autoria:

'...6) As pernas de diversos crimes:

'Deus dita leis absurdas a Moisés que, na época em que vivemos, contradizem o caráter divino da Bíblia.

'O livro de **Levítico** corresponde a um tempo de grande atraso, onde as pessoas viviam em tribos hostis e sanguinárias. Estranhas leis eram sancionadas, tão humanas e tolas quanto o modo de pensar da

Humanidade de então. É incrível que ainda se pense numa ordenança divina, quando é fácil constatar a presença da frágil ignorância humana.

'A pena capital é outorgada aos homossexuais, aos adúlteros, aos idolatras e aos feiticeiros. É surpreendente a menção da expulsão do seio do povo daqueles que praticaram um relacionamento sexual durante a época da menstruação (**Levítico** 20:18)

'Se a filha de um sacerdote se desonra, profana o seu pai, com fogo será queimada' (**Levítico** 21:9)

'Os deficientes físicos, descendentes dos sacerdotes, são proibidos de penetrar no altar, ou mesmo de *'oferecer o pão do seu Deus'*. Um intenso e desumano preconceito é observado na leitura atenta dos textos de **Levítico** 21:16-24;

'7) **'Deus'** faz exigências quanto a oferenda: É incrível que alguns religiosos exaltem tanto todos os textos bíblicos, quando utilizando a lógica e a razão, verificamos um sem-número de absurdos. O **'Deus'**, ao qual se refere o livro de **Levítico** 22:17-18, marcadamente bem humano e impertinente, ordena que a oferta, a ser oferecida no altar, seja de animais sem defeitos. Mais exigente, ainda, quando determina que não devem ser ofertados animais que tiverem os testículos machucados, ou moídos, ou arrancados, ou cortados (**Levítico** 22:24). Finalizando o lamentável capítulo, **'Deus'** se identifica como o **'SENHOR'** e diz: *'Não profanareis o meu santo nome, mas serei santificado no meio dos filhos de Israel: Eu sou o SENHOR que vos santifico'. '...que vos tirei da Terra do Egito, para ser o vosso Deus: Eu sou o SENHOR'* (**Levítico** 22:32-33) Tudo isto não é muito triste, caro leitor?

'8) A recompensa dada por **'Deus'** aos seus obedientes seguidores:

No mesmo livro em tela, o **'SENHOR'** afirma que, para todos que guardarem e cumprirem os mandamentos, dará chuvas ao seu tempo; a terra dará sua messe, e a árvore do campo o seu fruto (**Levítico** 26:3-4). 'Mais adiante, **'Deus'** diz o seguinte: *'Persegurei os vossos inimigos, e cairão a espada diante de vós. Cinco de vós perseguirão a cem, e cem dentre vós perseguirão a dez mil...'* (**Levítico** 26:7-8) *'Não é a toa que esse mesmo 'Deus' se denomine o 'SENHOR DOS EXERCITOS'*. É incrível, fantástico e extraordinário que o próprio **'Deus'** desrespeite o seu mandamento - **'NAO MATARÁS'** (**Êxodo** 20:13);

'9) Os castigos da desobediência:

'Deus' ameaça a todos que rejeitarem os mandamentos e estatutos com as seguintes penas:

'a) *'Porei sobre vós terror, a tísica e a febre ardente que fazem desaparecer o lustre dos olhos e de finhar a vida...'* (**Levítico** 26:16).

'b) *'Voltar-me-ei contra vós outros, e sereis feridos diante de vossos inimigos...'* (**Levítico** 26:17);

'c) *'Trarei sobre vós a espada vingadora de minha aliança...enviarei a peste para o meio de vós e sereis entregues na mão do inimigo'* (**Levítico** 26:25).

'd) *'Com furor serei contrário a vós outros, e vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados'* (**Levítico** 26:28).

'e) *'Destruirei os vossos altos...'* (**Levítico** 26:30).

'f) *'Reduzirei as vossas cidades a deserto e assolarei os vossos santuários...'* (**Levítico** 26:31)

g) *'Assolarei a terra...'* (**Levítico** 26:32).

'Um **'Deus'** vingativo e mau, totalmente em desacordo com a primeira epístola de João, que nos consola, afirmando-nos: **'DEUS É AMOR'** (**I João** 4-8) (Retirado do capítulo XII do livro **Razão e Dogma**, Editora O Clarim, do mesmo autor/Américo D. Nunes Filho)

Quanto ao tema em tela, o padre comete um erro de interpretação. Nem a **Bíblia**, e muito menos Moisés, *'condena eloqüentemente a evocação dos mortos'*. Os textos são perfeitamente elucidativos, a respeito da mediunidade praticada por seres humanos bem inferiores, em intercâmbio com espíritos atrasados, principalmente para fins divinatórios, porquanto necromância é a invocação dos mortos para adivinhações.

Não se deve esquecer, por exemplo, dos idólatras que, nos cultos aos deuses de Baal, praticavam a magia negra, utilizando-se de sacrifícios humanos. A prática da mediunidade foi proibida, pelo legislador hebreu Moisés, de ser exercida pelos politeístas, exatamente os que adoravam espíritos inferiores que se apresentavam ou eram identificados como deuses. O intercâmbio mediúnico, praticado pelos sinceros adeptos do monoteísmo, não era condenado. Algumas passagens nas escrituras, claramente, confirmam o fenômeno da mediunidade:

'...Manasses, após seu cativeiro em Babilônia, voltou-se, arrependido, para Deus, abandonando a seita idólatra de Baal, após o que ele, angustiado, suplicou deveras ao Senhor seu Deus, e muito se humi-

lhou perante o Deus de seus pais' (II Cr 33:12). Consequentemente ouviu '*... as palavras dos videntes que lhe falaram em nome do Senhor, Deus de Israel...*' (II Cr 33:18).

A exclamação de Moisés ('Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito) Livro de Números, Cap. 11, vers. 29, ressalta que as evocações dos mortos não eram proibidas para os que seguiam verdadeiramente os passos do legislador hebreu. É necessário esclarecer que, para o povo hebreu, os fenômenos mediúnicos eram permitidos e louvados, já que os seus medianeiros não obtinham vantagem financeira, nem eram associados a magia negra e a necromancia. Mesmo que a condenação mosaica fosse para todos, sabe-se que o Mestre Jesus não ratificou tudo quanto disse Moisés, provando que nem tudo o que veio do legislador judeu é divino (ver Mateus 5:38-48; João 8:1-11). 'Aliás, se há no Velho Testamento uma proibição que foi claramente contestada pelo Mestre, essa proibição é, nada mais, nada menos, a que impede o intercâmbio com o plano invisível. Jesus, tomando consigo a Pedro, Tiago e João, levou-os a um alto monte e se transfigurou diante deles (Mt 17:2). Ali apareceram gloriosamente materializados, Moisés e Elias, que conversaram com o Cristo a respeito de sua futura crucificação. Diga-se de passagem que os apóstolos, presentes a reunião, cooperaram ativamente para a produção do fenômeno, uma vez que estavam tomados de sono' (Lc 9:32). Ora, só sentiria sono em tais circunstâncias quem estivesse cedendo ectoplasma, porquanto não se compreende que alguém possa ficar sonolento diante de fatos tão espantosos, como os que se deram no '*monte da transfiguração*'. Apesar da presença de Jesus, que por si só dispensaria todo e qualquer concurso alheio para a manifestação do Plano Superior, os apóstolos forneciam ectoplasma, o que explica não estarem em plena posse de sua consciência vigil.

'E IMPORTANTÍSSIMO RESSALTAR QUE O PRÓPRIO MOISÉS, 'MORTO' há tanto tempo e AGORA MATERIALIZADO no monte, FOI JUSTAMENTE QUEM PROIBIU O CONTATO COM OS 'MORTOS'...

'A proibição de Moisés é inteiramente ratificada pela Doutrina Espírita, que igualmente condena a evocação de espíritos atrasados, com o fim de sortilégios e adivinhações.

'O que se vê, em tudo isto, o que ai se proíbe, não é propriamente o contato com os espíritos, e sim, a utilização desse contato para fins divinatórios. Não era, porém, esse o único motivo para que Moisés proibisse o intercâmbio com o invisível. É necessário atentar para a missão histórica do povo judeu. Ele tinha que transmitir a Humanidade e de maneira inofensiva a noção monoteísta. A crença num único Deus era outrora propriedade de iniciados e só a conheciam os que pertenciam a escolas secretas. Os judeus tinham que vulgarizá-la; era necessário, portanto, que sua atenção não se desviasse do Deus Supremo, o que fatalmente aconteceria caso o contato com os espíritos lhe fosse franqueado. Convém não esquecer que foi graças ao monoteísmo, que de Israel, 'encruzilhada do mundo', ponto de encontro entre várias culturas, surgiu o Cristianismo'. (Trechos retirados do Capítulo *A Suposta Proibição Mosaica do Exercício Mediúnico*, do livro *Razão e Dogma*, Editora O Clarim). A seguir, o escritor clerical afirma: 'A proibição se deve não a suposição de que os mortos sejam incomodados pelos vivos, mas ao fato de que não há receita que garanta a comunicação entre vivos e mortos. A necromância é superstição. A oração que os cristãos dirigem aos santos, não se baseia em formulas ou receitas mágicas, mas unicamente na convicção de que Deus quer conservar a comunhão entre os membros do Corpo Místico de Cristo; por isto Ele faz que os justos no céu tomem conhecimento das preces desprezíveis que lhes dirigimos na Terra e, em consequência, intercedam por nós'.

Nada se pode aprender de importante para refutação, nessa maçante ou arrazoadora declaração.

"Depois, o religioso dá o seu último grito de guerra, já sem munição: Quanto ao caso de Saul, que evocou Samuel mediante a pitonisa de Endor e foi atendido (Cf. 1 Sm 28, 5-15), não é paradigma, pois diz a própria Bíblia que Saul foi condenado por causa disso (cf. 1 Cr 10:3). Deus permitiu que Saul recebesse de Samuel, naquele momento, a advertência de que estava no fim sua vida terrestre e no dia seguinte ia morrer; foi por causa da importância solene daquela hora que Deus permitiu a resposta de Samuel; ela não foi provocada pela arte da adivinhação; esta apenas forneceu a ocasião ou as circunstâncias da manifestação de Samuel.

De início, parabeno o sacerdote por não se referir ao "*diabo*", como sendo Samuel, teoria de muitos exegetas protestantes, tentando negar o aparecimento de um espírito, ao qual, pela sua crença, deveria estar dormindo, aguardando a absurda e anticientífica "*ressurreição dos corpos*". Quanto a passagem, em que o rei Saul procura a pitonisa de Endor, é preciso que se faça algumas reflexões:

1 - O monarca, preocupado que estava com os filisteus, solicitou uma comunicação do Espírito Samuel; portanto, para fins divinatórios, desejava o intercâmbio mediúnico;

2 - Não recebeu o que ansiava, através dos profetas ou médiuns de Israel, nem pela mediunidade de efeitos físicos (**Urim**), nem pelo desdobramento do corpo espiritual (**sonhos**), (**I Samuel 28:6**);

3 - Foi ao encontro de uma pitonisa, disfarçado, porquanto o rei tinha desterrado todos os que praticavam a mediunidade de forma inferior para adivinhações e magia negra (**I Samuel 28:3**);

4 - Através das faculdades paranormais da inferior medianeira, o Espírito Samuel diz a Saul que ele e seus filhos, no dia seguinte, seriam mortos, na peleja contra os filisteus (**I Samuel 28:19**).

5 - O motivo da condenação de Saul está bem claro nos versículos 18 e 19. Disse Samuel: *“Como não deste ouvidos a voz do Senhor, e não executaste o que ele no furor de sua ira ordenou contra Amaleque, por isso o Senhor te fez isto (não receber a mensagem mediúnica dos médiuns hebreus)... e amanhã tu e teus filhos estarão comigo...”*

Para os leitores desatentos ou que desconheçam estes versículos, o padre parece passar o ensinamento falso, o de Saul ter sido punido por Deus pelo motivo de ter consultado um *“morto”*.



As condenações bíblicas e o espiritismo

Esse Capelli

<mailto:randre@unisys.com.br><mailto:randre@unisys.com.br>.. \index.html.. \index.html

Os nossos irmãos que se apegam ao texto bíblico, como a única norma para a vida e a morte sempre trazem engatilhada uma sentença condenatória para o Espírita, com a agravante de ser inapelável e eterna.

Citam, inclusive, passagens da **Bíblia** que, segundo eles, condenam o Espiritismo.

Em duas diferentes ocasiões tive a oportunidade de refutar estas investidas contra a Doutrina Espírita.

CASO 1

Confesso que sou um ignorante, sem as luzes das letras, mas não gosto de ser levado pelo cabresto, para aceitar isto ou aquilo.

Certo dia estive presente a um diálogo travado entre dois religiosos, indiscutivelmente profundos conhecedores da **Bíblia**, a qual designavam por Palavra de Deus. Eu ouvia e eles falavam. Dissertavam sobre o significado de várias passagens bíblicas, demorando-se sobre o pecado, as penas eternas, a salvação e sobre a criação artesanal do Universo, por um Deus que criara o homem *“à Sua imagem e semelhança”*. Dando por minha insignificante presença, interpelaram-me.

- E você, já aceitou a Palavra de Deus? Já leu a **Bíblia**?

- Já, eu sou Espírita.

- E não se deu conta da condenação dos necromantes às penas eternas?

- Meus irmãos eu não compreendi certas coisas que li na **Bíblia**. Em **Êxodo**, cap. XX, vv. 13, a Tábua dos Mandamentos que Moisés acabava de trazer do Sinai, diz: *“Não matarás”* e, logo a seguir, no mesmo livro, no cap. XXVII está escrito: *“Assim diz o Senhor, o Deus de Israel, cada um tomará a espada sobre o lado, passai e tomai a passar pelo arraial, de porta em porta, e mate a cada um a seu irmão, cada um a seu amigo e cada um a seu vizinho”*. Isso é justo? Manda não matar e logo a seguir manda passar ao fio da espada, irmãos, vizinhos e amigos?

Em **I Reis**, cap. XXII, vv. 19 a 23, encontramos o Senhor associando-se com espírito mentiroso para enganar o Acabe e, no vv. 23 está escrito que: *"Eis que o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas e o Senhor falou o que é mau contra ti."*

Também nas Sagradas Palavras, encontrei no cap. II do Evangelista João, a narrativa de um Cristo espancando os que se aglutinavam no pátio do templo, vendendo pombas, enquanto desconhecia os gordos sacerdotes que o dirigiam, mesmo havendo o Mestre exortado à prática infinita do perdão.

Tudo isso e muitas outras coisas contraditórias que encontrei na **Bíblia**, me fazem preferir o Espiritismo, que nos ensina a confiar num Pai verdadeiramente amoroso, que não condena seus filhos ao fogo do Inferno e a nenhuma pena eterna e num Cristo manso, suave, amigo, que não espanca e não condena, mas que ensina e admoesta seus filhos à prática do bem. Por isso sou Espírita.

- Isso é uma demonstração de desconhecimento da Palavra de Deus, que só é revelada aos que crêem. Creia, meu amigo e ela te será revelada.

- Crer para depois ter a revelação, é fé cega, irracional e imposta, eu prefiro receber a revelação, para então, depois de esclarecido, acreditar. Isso é fé racional, convicta, aceita, sem imposições, como ensina o Espiritismo.

E encerrou-se ali o diálogo.

CASO 2

De outra feita, um grupo de irmãos evangélicos deu-me a honra de sua presença em minha casa. Atendidos, pediram, educadamente para entrar.

- Nós sabemos que o senhor é espírita e gostaríamos de falar-lhe sobre o plano do Senhor para salvá-lo.

- Mas eu não estou perdido!

- Meu amigo, se o senhor não mudar a sua convicção religiosa, aceitando Cristo como seu Salvador, certamente perderá a sua alma.

- Onde você encontrou essa sentença? Questionei ao meu interlocutor.

- Na **Bíblia**, em **Deuteronômio**, cap. XVIII, vv. 11 e 12, o Senhor condena e ordena o lançamento fora, dos necromantes e feiticeiros, o que significa lançá-los nas chamas eternas do Inferno.

- Meus irmãos, respondi, se querem, realmente, obedecer ao mandamento bíblico, não basta a sentença de morte para os espíritas, é preciso que vocês passem a matar os necromantes e feiticeiros, como está em **Levítico**, cap. XX, vv. 27, ou a cumprir o que ordena o Senhor em **Êxodo** cap. XXXV, vv. 2, matando os que trabalham no sábado, ou, ainda, lançando os nossos irmãos leprosos para fora das cidades, como é ordenado em **Números**, cap. V, vv. 1 a 4. Meus irmãos eu creio que Deus, o manancial infinito de amor e sabedoria, não se prestaria a cometer tantas maldades.

Um dos componentes do grupo, mulher inteligente e bem falante, observou que, não sendo eu agraciado com a revelação, não poderia interpretar o verdadeiro significado da Palavra de Deus.

- É verdade, respondi, eu não recebi nenhuma revelação, apenas li a **Bíblia** e, nela, também, no **Novo Testamento** eu encontrei em **I Coríntios**, cap. XIV, vv. 34 e 35, que a mulher deve permanecer calada e em seu lar, não lhe sendo permitido falar em público; entretanto, vejo, até com certo agrado, que a irmã não obedeceu às sentenças bíblicas, preferindo ser livre para poder propagar a sua fé. Por isso, meus irmãos, eu prefiro ser livre para pensar e escolher racionalmente a minha fé, como ensina, sem impor, a Doutrina Espírita.

Os irmãos evangélicos se foram, certamente levando consigo a certeza de que eu não teria salvação.



Salvação e Reencarnação

<mailto:randre@unisys.com.br> <mailto:randre@unisys.com.br> <index.html#index.html>
Leia trecho do livro de Jayme Andrade, "O Espiritismo e as Igrejas Reformadas".

Leia trechos do livro de Americo Domingos, Porque Sou Espirita.
Leia o texto do Reformador, de Março de 97, sobre Reencarnação.
Leia texto da Revista Espírita Allan Kardec: "Regenerar e evoluir".

Segundo nossos irmãos, a Reencarnação tornaria *"desnecessário o sacrifício de Jesus na cruz, nos libertando do pecado com seu sangue"*.

Não negamos a doutrina da Redenção. Apenas acreditamos que ela se realizará no mundo através do **amor**. Para isso, o Mestre nos deixou o seu ensino e o seu exemplo. Quando os homens, repudiando os dogmas e preconceitos a que se aferram há tantos séculos, abrirem as portas da percepção para assimilar a cristalina simplicidade dos ensinamentos do Cristo, eles fatalmente se redimirão pelo amor, cuja prática concorre para o resgate das faltas, como a Escritura deixa bem claro em **Prov. 10:12** (O amor cobre todas as transgressões) , **Lucas 7:47** (Muito será perdoado a quem muito amou) e **I Pedro 4:8** (O amor cobre a multidão de pecados). Devemos lembrar que traduções mais antigas, como a minha Bíblia de João Ferreira de Almeida de 1948, falam em *"caridade"*, não *"amor"*. Possivelmente, as alterações foram feitas por causa do *"Fora da caridade não há salvação"*, do Espiritismo. O sacrifício de animais pelos pecados dos israelitas era um ato próprio de um povo bárbaro, sendo inconcebível que Deus, o mesmo que afirmou: *"Misericórdia quero, não sacrifício"* (**Oséas 6:6**) engendrasse tão absurdo *"plano"* para resgatar os erros da Humanidade. Cristo se sacrificou para assegurar o cumprimento da grandiosa missão que o fez descer a Terra. Sua morte, sem dúvida alguma, estava nas previsões divinas, para provocar o impacto que se fazia necessário na consciência dos homens, seus contemporâneos e os das gerações vindouras. Ele mesmo disse: *"Quando for levantado da Terra, atrairei todos a mim!"* (**João 12:32**) Nós, espíritas, entendemos que Jesus veio ao mundo para ensinar aos homens a lição do amor (**João 12:34**) e que a sua morte, predita por vários profetas, resultou da inadequação da Humanidade para assimilar suas extraordinárias mensagens. Os discípulos e os primitivos cristãos atribuíram a essa morte um caráter propiciatório porque entre os judeus estava secularmente arraigada a noção do resgate das faltas pelo derramamento do sangue. Era um costume milenar a imolação de animais pelos pecados do povo e isso naquelas eras barbaras não deixava de ter um fundamento psicológico, pois funcionava como catarse coletiva, contribuindo para aliviar as consciências culpadas. Mas hoje,

com as luzes de que dispõe a Humanidade, é possível perceber que não haveria justiça em fazer um inocente responder pelos erros dos culpados. Alias, nem mesmo o sangue de touros e de bodes podia tirar os pecados de ninguém, como podemos ler em **Hebreus** 10:4. E em **Ezeq** 18:20 vemos que a responsabilidade é pessoal e o justo não paga pelo pecador.

Será mesmo que não é preciso trabalhar, lutar pela nossa reforma íntima e apenas dizer "**Senhor, Senhor**" e crer que o sangue do Cristo nos liberta??

Não, Cristo negou isso:

"Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a casa sobre a rocha." (Mateus 7:22-24)

Não está evidente que é necessário colocar seus ensinamentos em prática?

Para que não haja mais dúvida:

"Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos, e não praticamos a verdade; mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado." (I João 1:6-7)

Como os versículos acima bem mostram, temos que andar na mesma luz em que Ele está, ou seja, SEGUIR SEU EXEMPLO, e não apenas dizer que tem comunhão com ele ou, como nos versículos que citei antes, dizer "**Senhor, Senhor**", e ser HIPÓCRITA, pois isso era típico dos fariseus apegados a lei e que não buscavam a reforma íntima.. Andando todos na luz, estaremos em comunhão uns com os outros, porque a paz se instalará na Terra e o Reino de Deus estará entre nós.

²¹Porque para isso fostes chamados, porquanto também Cristo sofreu por vos, deixando-vos exemplo, para que sigais as suas pisadas. (**1 Pedro 2:21**)

³⁸E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. ³⁹Quem achar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á. ⁴⁰Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou. ⁴¹Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo. ⁴²E aquele que der até mesmo um copo de água fresca a um destes pequeninos, na qualidade de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa. (**Mateus 10:38:42**)

E não adianta também citar os inúmeros versículos em que está escrito que "**crer em Jesus salva**". E o que é crer em Jesus? Para nós, é acolher no coração os seus ensinamentos e passar a viver de acordo com os seus preceitos. E o que foi, realmente, que Ele ensinou? Quais os preceitos que ministrou? Ensinou a amar até mesmo nossos inimigos, a perdoar e esquecer as ofensas, a extirpar do coração o egoísmo e o orgulho, a fazer aos outros o que queremos que eles nos façam, a sempre retribuir o mal com o bem, a socorrer os irmãos em suas necessidades sem visar a qualquer recompensa, a compreender, servir, perdoar indefinidamente...

Até mesmo no Julgamento que vemos em **Mateus** 25:31-46, Jesus colocou como condição única da salvação a prática do amor nas relações com o próximo:

³¹Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; ³²e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; ³³e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. ³⁴Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; ³⁵porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; ³⁶estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. ³⁷Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? ³⁸Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? ³⁹Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? ⁴⁰E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes. ⁴¹Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos; ⁴²porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; ⁴³era forasteiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; enfermo, e na prisão, e não me visitastes.

⁴⁴Então também estes perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou forasteiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos? ⁴⁵Ao que lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixaste de fazer a um destes mais pequeninos, deixastes de o fazer a mim. ⁴⁶E irão eles para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna.

Quando cada ser humano se compenetrar desta verdade e promover sua reforma íntima, a Humanidade inteira estará reformada e o Reino do Céu se instalará na Terra. E através da LUTA cada um de nós - não apenas o que tem essa ou aquela CRENÇA - atingirá a perfeição dos Espíritos Puros, irmanando-se ao Cristo e integrando-se ao Pai. Creio ser essa uma salvação muito mais justa do que aquela só para um certo número de eleitos com uma crença subjetiva, sem resultados práticos. E como ficariam os judeus, muçulmanos, budistas... ? Eles formam a maior parte da Humanidade, e nunca "*conheceram Jesus*"!!

"Deus não faz acepção de pessoas, mas lhe é agradável a todo aquele que, EM QUALQUER NAÇÃO (não precisa ser "cristão", não), o teme e obra o que é JUSTO (Atos, 10:34 e 35)

Amigos protestantes e católicos: Homens como Chico Xavier e Gandhi se dedicaram ao próximo mais do que muitos que seguem os dogmas das igrejas. Estariam eles condenados, mesmo com tanta fé e amor, por não seguirem a crença de que o sangue de Jesus, o próprio Deus encarnado, liberta o homem de todo o seu pecado? Se a resposta é sim, respondam se acham justo?? Que Deus é esse?? Se acham que, para nós, o sacrifício do Cristo é inútil, o que acham vocês dos ensinamentos do Cristo, que ainda disse: "*Se sabeis destas coisas, bem-aventurados sereis se as praticardes*" (13:17)? Ora, certamente, Ele não ensinou tudo aquilo em vão, mas sim para pormos tudo aquilo em prática. Também não colocou outra condição além de PRATICAR tudo o que Ele ensinara. Não disse: "*se as praticardes, sem esquecer de me idolatrar como Deus...*".

Também falam sobre Cristo ter dito ser o único caminho. Mas o que quer dizer isso?? Ele disse que cada um deve pegar a sua cruz e segui-lo. Quem pratica suas palavras, estará seguindo o caminho certo, estará NA LUZ, conforme os versículos de **I João** citados lá em cima. Há grandes protestantes cristãos, católicos cristãos, espíritas cristãos e até os que não seguem o "*Cristianismo*", como Gandhi, pois todos vivenciam os ensinamentos do Cristo, sem buscar recompensas e com humildade. E de que vale fazer o bem, para que vou lutar contra as minhas imperfeições, se basta eu acreditar em Jesus como um Salvador que se sacrificou por nós? Então, vou matar, vou roubar, e então no último dia da minha vida basta eu dizer "*Senhor, Senhor*"...

E ainda citam Paulo, que afirmou:

"Pela graça sois salvos, mediante a fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus. Não vem de obras, para que ninguém se glorie" (Efesios 2.8,9)

Paulo diz: "*Não vem de obras, para que ninguém se GLORIE*". Sim, é necessário praticar o bem sem interesses, conforme eu já falei. Ao dizer que ninguém se salvaria pelas obras da lei, Paulo estava querendo demonstrar que de nada adiantava a escravidão as formulas e ordenações sem a fé. A lei, por si mesma, não salva e não salvava ninguém, apenas prescrevia o que é certo e o que é errado, o que se deve e o que não se deve fazer. A seu ver, estavam justificados os gentios que cumpriam naturalmente a lei, sem que para isso estivessem sujeitas a ela como os judeus (**Romanos 2:12 e seguintes**). Ele advertia os cumpridores hipócritas dos preceitos bíblicos.

Alias, é justamente isso o que ele faz em **Romanos**, 2:17-23:

"Mas se tu, que te dizes judeu e descansas na lei; que te glorias em Deus; que conheces sua vontade; que discernes o melhor, segundo a lei e te jactas de ser guia de cegos, luz aos que andam nas trevas, educador de ignorantes, mestre de crianças, porque possuis na lei a expressão mesma da ciência e da verdade... Pois bem, tu que instruis os outros, a ti mesmo não instruis! Pregas: não roubar! E roubas! Proíbe o adultério e adulteras. Aborreces os ídolos e saqueias os templos. Tu que te glorias na lei, transgredindo-a, desonra a Deus".

O próprio Paulo afirmou em **Romanos 2:6**: "*(Deus) dará a cada um segundo as suas obras*". Paulo também escreveu: "*Importa que compareçamos perante o tribunal do Cristo, a fim de que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito enquanto no corpo*" (**II Cor. 5:10**)

E Paulo escreveu ainda o mais belo texto que se conhece sobre o poder e a glória da caridade, que ocupa todo o capítulo 13 da **Primeira Epistola aos Coríntios**. Novamente, traduções mais recentes dizem "*amor*", não "*caridade*". Nós, espíritas, acreditamos que todas as religiões são importantes desde que levem a reforma íntima do indivíduo. Não basta deixar de fazer o mal. O mais importante é pôr o BEM em prática.

Isso é que Jesus nos ensina com a parábola do Bom Samaritano, do Julgamento, entre muitas outras passagens bíblicas, e NENHUMA vez disse que o fundamental era crer que Ele é Deus, que o Pai e Filho são um e outros dogmas.. Uma senhora conhecida minha, que já faleceu, foi espírita a vida toda, mas tinha um filho protestante. Quando ela estava no hospital, o filho e amigos ficaram incomodando a pobre coitada, insistindo para que ela se convertesse, já no final de sua vida. Depois, no cemitério, não deixaram que os espíritas nem se aproximassem do enterro. Achrom que essa é uma atitude cristã? Ou uma atitude arrogante dos que se julgam certos de que estão salvos, apenas porque "*acreditam em Jesus*"? Ora, não basta dizer apenas "*Senhor, Senhor*", já dissera o Mestre. E a salvação é para todos os justos, não para os que os crêem nisso ou naquilo...

O próprio Jesus assim disse sobre o assunto:

"Propôs Jesus esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, como se fossem justos, e DESPREZAVAM OS OUTROS: Subiram dois homens ao templo para orar: um fariseu, e outro publicano. O fariseu orava de pé, e dizia assim: graças te dou, o meu Deus, por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros. E não ser também como é aquele publicano. Eu, por mim, jejuo duas vezes por semana e pago o dizimo de tudo quanto possuo. Apartado a um canto, o publicano nem sequer ousava erguer os olhos para o céu; batia no peito e exclamava: Meu Deus, apiedai-vos de mim, pecador. Digo-vos, acrescentou Jesus, que este voltou justificado para sua casa, e o outro não, porque todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado" (Lucas, 18:9-14)

Já encontrei na Internet católicos e protestantes que até não aceitavam chamar os espíritas de irmãos. Tudo isso, devido a uma má interpretação dos versículos abaixo:

⁴*mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei,*

⁵*para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.*

⁶*E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.*

⁷*Portanto já não és mais servo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro por Deus.*

⁸*Outrora, quando não conheciéis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses;*

⁹*agora, porém, que já conheceis a Deus, ou, melhor, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?" (Gal.4:4-9)*

Mas o que é necessário para sermos merecidamente chamados de filhos de Deus? Basta citar trechos e mais trechos da escritura e ser como os fariseus hipócritas, sepulcros caiados, desprezando os outros como o fariseu da parábola do fariseu e publicano? Não!! Disse Jesus:

⁹*Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9)*

⁴⁴*Eu, porém, vos digo: AMAI aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem;*

⁴⁵*para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.*

⁴⁶*Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? não fazem os publicanos também o mesmo?" (Mateus 5:44)*

⁴⁸*Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial." (Mateus 5:48)*

E ainda dizem os católicos e protestantes que nós é que somos pretensiosos por acharmos que podemos nos "*salvar pelos próprios méritos, sem a ajuda do Salvador Jesus*". Mas, muito pelo contrário, o Espiritismo nos ensina o quanto somos imperfeitos e devemos lutar contra nossas imperfeições através das encarnações...

Dizem, ainda, que, "*para os espíritas, não existe o perdão divino, pois o espírito deve voltar ao mundo, reencarnar, enquanto, Deus está a oferecer o seu perdão através do seu próprio sacrifício, já que ninguém é perfeito e capaz de salvar-se por si próprio*". Reencarnação não é castigo. Lemos em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**:

"A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação para todos

os Espíritos, é apenas um estado transitório. E uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. " - S. Luís. (Paris, 1859.)

Diz, ainda, o escritor espírita Hermínio Miranda, em entrevista dada pela Internet:

"Outro aspecto a considerar é o de que o destino de cada um de nós não está fatalisticamente determinado. Trazemos, ao renascer, um plano de trabalho, projetos a desenvolver, tarefas a cumprir, retificações a promover. Poderemos ter um bom índice de êxito, cumprirmos parcialmente o programa, realizá-lo todo ou simplesmente não fazer nada daquilo e em vez de nos resgatar de erros anteriores, acrescentar mais erros à carga que já carregamos do passado. Pelas numerosas comunicações transmitidas por intermédio de Chico Xavier, nos últimos anos, especialmente de jovens desencarnados em acidentes, percebe-se habitualmente a presença de um componente cármico embutido no processo, mesmo naquilo que parece aleatório, como uma bala perdida ou um disparo involuntário. Seja como for, o rumo de nossa vida na terra depende do comportamento de cada um. Muitos que vêm para a carne com pesados débitos de outras vidas resgatam-se pelo devotamento ao bem e ao próximo, sem aflições maiores. A lei divina não é punitiva(1) – ela é educativa. Por isso, diz Pedro, na sua epístola, que *"o amor cobre uma multidão de pecados"* (2).

(1) Todo espírita deverá prestar atenção para não cometer erros doutrinários, a Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec se expressa da seguinte maneira, senão, vejamos;

TEXTOS EXTRAÍDOS DA CODIFICAÇÃO QUE JUSTIFICAM OS CASTIGOS DIVINOS E QUE SÃO TEMPORÁRIOS, OU SEJA:

"O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição. A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta. Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno a senda do bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento. Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas, não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO XXVII - PEDI e obtereis - item 21

MAS, QUE REPELEM AS PENAS ETERNAS.

"Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma certa soma de dores necessária a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o aguilhão que estimula a alma, pela amargura, a se dobrar sobre si mesma e a buscar o porto de salvação. O castigo só tem por fim a reabilitação, a redenção. Querê-lo eterno, por uma falta não eterna, é negar-lhe toda a razão de ser.

"Oh! Em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura. Fora criar uma penalidade injustificável. Afirmai, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transgressões e consagrareis a unidade divina, tendo unidos o sentimento e a razão."

Comunicação de Paulo, Apóstolo dada na questão 1009 de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS»

OBSERVAÇÃO DE ELIO MOLLO

(2) Em algumas traduções da bíblia em lugar da palavra «amor» está a palavra «caridade».

OBSERVAÇÃO DE ELIO MOLLO

Estranho alguém que crê em uma PENA ETERNA, acusar os espíritas de não serem no perdão de Deus.

A Reencarnação, sim, mostra um Deus justo, oferecendo aos seus FILHOS novas oportunidades e não lançando diretamente no "fogo eterno". Até nas leis humanas, a pena é proporcional ao erro, como se dá com a Reencarnação.

Pior: esse "perdão" seria apenas para uns poucos eleitos, que antes tiveram a oportunidade de "conhecer Jesus", para poder aceitá-lo como seu "Salvador Pessoal". E onde está o perdão para aqueles que não aceitaram esse dogma e estão no inferno, onde estarão para sempre? E, pior, tendo uma vida inteiramente JUSTA, eles irão para o inferno simplesmente por não "terem Jesus como o seu Salvador pessoal". Em que essa crença subjetiva pode melhorar alguém?

"Os publicanos e prostitutas entrarão primeiro que vós, fariseus hipócritas, no Reino de Deus" (Mateus 21:31)

Entrarão PRIMEIRO... então, TODOS entrarão.. Uns antes, mas TODOS entrarão...

Para nós espíritas, há áreas de espíritos sofredores, que chamamos de zonas umbralinas, assim como dos espíritos superiores. Mas não há eternidade das penas...

E a Bíblia pode falar em inferno eterno, mas quanta coisa chamamos "*eterno*", por ter um tempo indeterminado? O suplício de quem está sofrendo no fogo MORAL, por todo mal que fez, é tão grande que parece mesmo não ter fim.

Creio que uma mãe que está no céu, se deliciando com os prazeres celestiais, não se preocupa com os sofrimentos do próprio filho no Inferno, não merece estar onde está, pois é egoísta...

A "*Parábola do Filho Pródigo*", relatada por Jesus, mostra a eternidade do perdão.

(Veja o item Inferno)

Falam ainda da passagem bíblica com o "*bom ladrão*", que, segundo eles, foi "*salvo*" e não precisará mais reencarnar.

Cristo disse que o ladrão estaria com ele naquele mesmo dia no Paraíso, pois via o arrependimento nele e o Paraíso é um estado de espírito, o ladrão estaria em paz de espírito e futuramente reencarnaria, mas num estágio mais avançado em sua evolução espiritual, possivelmente resgatando seus erros voltando entre seus inimigos do passado e se redimindo através do amor, e não mais com muito sofrimento... Dizem, ainda, que "*O fato de querer comprar um pedaço do céu com a caridade, está claro, quando agem exatamente como os fariseus, que ao levar a oferta para o Templo, tocavam as trombetas, anunciando a 'caridade'.*"

Quando agem assim, realmente são como os fariseus. Mas não é isso o que ensina o Espiritismo, e sim que a caridade se faz com humildade, desprendimento, perdão as ofensas, amando até aos inimigos, etc. O verdadeiro espírita busca fazer o bem por AMOR, com desprendimento, e não com interesses de conseguir um lugar no céu, mesmo porque acreditamos que na vida espiritual há muito TRABALHO na obra do nosso Pai e não um ocioso paraíso. Enfim, o Espiritismo nos ensina que temos RESPONSABILIDADE.

Um trecho do livro **Nosso Lar**, do espírito André Luiz, Psicografia de Chico Xavier, mostra bem o que estou dizendo. André Luiz, diz para a sua mãe, que vivia em esferas espirituais mais elevadas, e fora a cidade espiritual "*Nosso Lar*" o visitar:

"— *Oh! minha mãe! deve ser maravilhosa a esfera da sua habitação! Que sublimes contemplações espirituais, que ventura!*"

Ao que ela respondeu:

"— *A esfera elevada, meu filho, requer, sempre, mais trabalho, maior abnegação. Não suponhas que tua mãe permaneça em visões beatíficas, a distância dos deveres justos. Devo fazer-te sentir, no entanto, que minhas palavras não representam qualquer nota de tristeza, na situação em que me encontro. É antes revelação de responsabilidade necessária. Desde que voltei da Terra, tenho trabalhado intensamente pela nossa renovação espiritual. Muitas entidades, desencarnando, permanecem agarradas ao lar terrestre, a pretexto de muito amarem os que demoram no mundo carnal. Ensina-me aqui, todavia, que o verdadeiro amor, para transbordar em benefícios, precisa trabalhar sempre. Desde minha vinda, então, procuro esforçar-me por conquistar o direito de ajudar aqueles que tanto amamos.*"

Outro argumento dos católicos e protestantes:

"*Como o homem pode se purificar das faltas e pecados cometidos nas encarnações anteriores se ele não possui a mínima lembrança do que fez?*"

O Espiritismo não aconselha a terapia de regressão a vidas passadas, justamente porque não devemos mesmo lembrar. Inimigos do passado costumam conviver conosco novamente, até na própria família. Já pensou como seria reconhecer em seu filho o seu assassino? Ou, ainda, já pensou como seria penoso viver sabendo dos erros que você cometeu em vidas passadas? Não seria terrível conviver com isso? Quantas besteiras que fizemos e gostaríamos de esquecer!! E, se você foi um assassino, teria que viver sabendo que, seguindo a lei de ação e reação, pode de uma hora pra outra vir a ter uma morte trágica e violenta...

Outro argumento que usam contra a Reencarnação:

"*Se os espíritos reencarnarem, a população mundial seria sempre a mesma*"..

Deus não pára nunca de trabalhar, de criar novos espíritos, indefinidamente. Assim, há sempre espíritos na fase inicial aqui na Terra, que são os selvagens, e, no plano espiritual, há vários espíritos sofrendo, buscando novas oportunidades para continuar sua evolução na Terra ou outro planeta, pois não só aqui se reencarna.

Dizem, ainda:

"*Se a Reencarnação existisse, o mundo deveria estar perfeito, devido a evolução dos espíritos...*"

Não será em pouco tempo. A Humanidade evoluiu mais pelo lado intelectual do que moral. Mas basta pegar um livro de história antiga e medieval para vermos que o mundo está bem melhor em relação à

épocas anteriores. De propriedade de soberanos e nobres, com uma servidão agrária generalizada, passamos a um sistema onde nos são dados meios de mudança, ainda que haja muita injustiça a se corrigir. Não há gladiadores, escravidão e muitas outras coisas terríveis que eram tidas como **normais**. Vemos o Velho Testamento e também vemos coisas terríveis. (veja o item "*Palavra de Deus*").

Como explicar as aparentes injustiças do mundo sem a Reencarnação? Seria a causa dos males da Humanidade o pecado original, por Adão cometido?

"aqueles dias não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Pelo contrário, cada um morrerá pela sua própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes, é que os dentes se embotarão. (Jeremias 31:29-30)

No livro **Muitas Vidas, Muitos Mestres**, diz o psiquiatra Brian Weiss:

"Durante a semana, reli o livro do curso de religiões comparadas que freqüentei no meu primeiro ano em Columbia. Havia de fato referências a reencarnação no Velho e no Novo Testamento. Em 325 d.C, o imperador romano Constantino, o Grande, e sua mãe, Helena, suprimiram as que estavam contidas no Novo Testamento. O Segundo Concílio de Constantinopla, reunido em 553 d.C, validou este ato, declarando herético o conceito de reencarnação. Aparentemente, ele enfraqueceria o poder crescente da Igreja, dando aos homens tempo demais para buscarem a salvação. Mas as referências originais existiam, os primeiros padres da Igreja haviam aceitado a idéia. Os antigos gnósticos – Clemente de Alexandria, Origenes, São Jerônimo e muitos outros – acreditavam ter vivido antes e que voltariam a viver."

No livro **Cristianismo e Espiritismo**, Leon Denis diz:

"Essa doutrina de esperança e de progresso não inspirava aos olhos dos chefes da Igreja, o suficiente terror da morte e do pecado. Não permitia firmar sobre bases convenientemente sólidas a autoridade do sacerdócio. O homem, podendo resgatar-se a si próprio das suas faltas, não necessitava do padre. O dom de profecia, a comunicação constante com os Espíritos, eram forças que, sem cessar, minavam o poder da Igreja. Esta, assustada, resolveu pôr termo a luta, sufocando o profetismo. Impôs silêncio a todos os que, invisíveis ou humanos, no intuito de espiritualizar o Cristianismo, afirmavam idéias cuja elevação a amedrontava".



Refutação aos argumentos contrários a Doutrina Espírita

Trecho do capítulo I do livro **Porque Sou Espírita**, em que Américo Domingos refuta os argumentos contrários a Doutrina Espírita do D. Estevão Bittencourt no livro **Porque Não Sou Espírita**:

<mailto:randre@unisys.com.br><mailto:randre@unisys.com.br>[index.html](mailto:randre@unisys.com.br)[index.html](mailto:randre@unisys.com.br)

"O autor do opúsculo católico começa a introdução da obra dizendo que «*o Espiritismo seduz muitos fiéis católicos, seja por causa dos «fatos prodigiosos» que lá ocorrem, seja pela promessa de comunicação com os defuntos, seja porque o Espiritismo às vezes se reveste de capa católica, adotando nomes de santos para seus centros e louvando Jesus Cristo*»».

Primeiramente, o reverendo atesta que «*muitos fiéis católicos*» aderem a Doutrina Espírita. Realmente, está com toda a razão, já que as pesquisas recentes indicam um crescimento acentuado dos profítenes espíritas, a expensas de um Catolicismo que se esvai consideravelmente, diminuindo acentuadamente a vocação sacerdotal e o número de pessoas que assistem às missas. Exasperada com a situação e tentando reverter a situação desesperadora, a Igreja começou a estimular os cultos carismáticos, porquanto são muito parecidos com os rituais de denominadas seitas pseudo-evangélicas, que alcançaram um ótimo desempenho nas estatísticas.

É importante ressaltar que os maiores índices de crescimento do Espiritismo se verificam na classe média mais culta, contrastando acentuadamente com as seitas que receberam maior participação das pessoas menos esclarecidas. O padre se engana, concluindo que a causa da evasão dos católicos para as fileiras espíritas se dê '*por causa dos fatos prodigiosos que lá ocorrem, e pela promessa de comunicação com os defuntos*'. De início é necessário frisar que nos trabalhos práticos da Doutrina Espírita não existem fatos miraculosos. Inclusive, o que o Catolicismo denomina de milagres, são explicados pelo Espiritismo como fenômenos normais, conhecidos sob a ótica mediúnica. Inteiramente discordante da realidade é o pensamento clerical de que existe '*promessa de comunicação*' com os desencarnados nos centros espíritas. O intercâmbio mediúnico é realizado espontaneamente, nunca de forma forçada. O estimado sensitivo mineiro, Francisco Cândido Xavier, certa feita, relatou que «*o telefone sempre toca de lá (Mundo Espiritual) para cá (Mundo Físico) e nunca de cá para lá*». Na grande maioria das comunicações mediúnicas não há manifestação mediante evocação dos desencarnados. O que o eclesiástico ignora ou finge desconhecer é que «*fato prodigioso*» é o que acontece rotineiramente no Espiritismo, onde se verifica a verdadeira prática da fraternidade. Realmente, é extraordinário constatar os ensinamentos do Cristo sendo exemplificados pelos espíritas. Gratuitamente, sem auferir nenhum rendimento monetário, os seguidores de Kardec fazem do amor ao próximo um lema: «*Fora da Caridade Não Há Salvação*». «*Fato prodigioso*» é observar pessoas, representando todos os segmentos da população reunidas e irmanadas, iluminadas pela luz da concórdia. Ricos e pobres, são e doentes, cultos e incultos sem distinção de cor, destituídos de qualquer preconceito, juntos sob as bênçãos da fraternidade.

Maravilhoso é visitar uma colônia de hansenianos e observar grupos de espíritas, empenhados na tarefa assistencial aos que lá se encontram, distribuindo, concomitantemente com um sorriso nos lábios, bens alimentícios, roupas, produtos de higiene e sapatos. Aos incapacitados, dando na boca a sopa deliciosa e

apetitosa que preparam com o devido carinho. Importante ressaltar que todas as tarefas são realizadas após uma rápida reunião de conagração em torno de uma passagem reconfortante do Evangelho e de uma fervorosa oração.

Certa feita, visitando a Colônia de Hansenianos de Curupaiti, observei um interno, cabisbaixo, bem abatido, portador de deformidades marcantes (não possuía os membros inferiores, as mãos desprovidas de dedos, a face desfigurada e sem expressão devido à cegueira). Logo que o interpelei e lhe dei alguns petiscos, sorriu e me interrogou se eu era espírita. Imediatamente o questionei: – Por que me pergunta isso? Ele prontamente respondeu-me: *“– Só os espíritas fazem o que você está fazendo. Vocês são humanos, conversam comigo e me perguntam se estou precisando de alguma coisa.”* Então, indaguei a respeito da visita de simpatizantes de outros credos religiosos. Imediatamente, afirmou que raramente grupos católicos para lá se dirigiam e quanto aos que se diziam evangélicos, pediam dinheiro para suas igrejas, e insistiam na prática da unção (passar «óleo benzido» na testa da pessoa). Constatei mais uma vez a importância da minha religião e lembrei-me das palavras amorosas de Jesus: *«Estava enfermo e tu me visitastes»* (Mateus 25:36). É verdadeiramente um *«fato prodigioso»* saber que pessoas, em nome do Cristo, sem nenhum interesse pecuniário, sacrificam seus momentos de prazer ou mesmo de repouso em favor do próximo, que pode estar acamado em um leito de dor, recluso em uma prisão, vivendo em um asilo ou internato, ou mesmo abandonado em uma via pública. O Mestre ensinou que eleitos são aqueles que praticam a fraternidade, pondo o amor em ação: *«Vinde, benditos do meu pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Por que tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me»* (Mateus 25:34-36). Para mim, é uma das mais significativas passagens do Evangelho, desde que Jesus não alude ao seu sacrifício na cruz, nem faz menção a qualquer religião. Reafirma que *«sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes»* (Mateus 25:40)"

Trecho do Capítulo V, do mesmo livro:

"Não satisfeito em atacar a Doutrina Espírita, através de um dos seus princípios básicos, a Mediunidade, agora o sacerdote mira as suas armas em outro alvo, a Reencarnação. Mais uma vez o padre não foi feliz nas suas declarações antiespíritas. Começa, na sua já costumeira agressão, dizendo: *«A reencarnação vem a ser tese arbitrária, para a qual não há fundamento objetivo...»* A afirmativa do clérigo é baseada em conceitos dogmáticos, frutos da mente humana compromissada com crenças religiosas, alicerçadas em valores terrenos.

Assim como afirmo na obra **O Consolador Entre Nós**, Editora **O Clarin**, Matão/São Paulo, nas pags. 52 e 53, *«sem a explicação sensata da palingenese, o mundo passa a ser o caos, presidido pelo acaso, sendo o ateísmo seguido por todos aqueles que não aceitam a futilidade e a fragilidade dos argumentos dogmáticos oferecidos pelas religiões tradicionais»*.

Ainda hoje não se fala na criação do mundo em seis dias? Não se crê até agora, num Deus antropomórfico, que se arrependeu de ter criado o homem e de ter elevado Saul ao trono?

Um ser que cria as almas sabendo que definharão, em sua grande maioria, por todo o sempre no famigerado inferno?

O Novo Testamento ensina que Deus é Amor (**Primeira Epístola de João 4:8**); portanto, a doutrina das vidas sucessivas é a única que preenche o vazio da alma humana a procura de um esclarecimento a respeito de si mesmo. Quem é o homem? O que faz na Terra? Qual é o seu porvir? Perguntas somente respondidas tendo a reencarnação como modelo e guia. Sem a palingenese não haveria evolução, nem progresso.

O que representam pouquíssimos anos de vida, numa única existência? O homem é viajor do Universo e, dentro da eternidade, aufere recursos e aptidões, desenvolve potencialidades, até chegar a posição de um arcanjo (Espírito Superior que segundo ensino da Codificação, também começou por ser átomo – **O Livro dos Espíritos**, nº 540, Allan Kardec).

«Sem o princípio da pluralidade das existências nunca se entendera o porquê das coisas».

A Igreja ensina que o Ser Espiritual é criado no momento de formação do seu corpo somático e viverá apenas na existência física, na Terra. O Espiritismo é fé raciocinada. De imediato, o proficiente da Doutrina Consoladora de Jesus, codificada pelo sábio Kardec, questionará, baseando seu pensamento na negação da reencarnação, a causa espiritual do nascimento de seres monstruosos, alguns vindo ao mundo sem cérebro (anencefalos), outros trazendo, já no berço, deficiências mentais. Sem a Doutrina da Reencarnação, Deus parece, ao olhar perquiridor, muito pouco criativo; inclusive, fazendo lembrar uma vulgar personali-

dade sado-masquista, divertindo-se ao formar seres sem nenhuma possibilidade de crescimento evolutivo espiritual.

Afinal, para que, então, Deus cria a imperfeição? Certamente, os dogmáticos religiosos tentarão uma resposta, baseado no chamado *«pecado original»*, dizendo que o sofrimento entrou no mundo por causa do erro do primeiro homem, Adão. Outros, alegarão *«mistério»*, ou então, *«não se pode discutir os desígnios divinos»*. Todavia não são justificações plausíveis. Seria extremamente injusto que alguém passe por um sofrimento muito intenso, por exemplo, decorrente de deformidades congênitas, por causa do deslize de um antepassado, chamado Adão, ao qual nem chegou a conhecer. É necessário considerar, também, sem fundamento, o fato dos sofrimentos dos descendentes do *«primeiro homem»* serem diferentes, alguns nascendo aleijados, outros cegos, outros com malformações consideráveis e a maior parte verificando-se com recém-nascidos normais."

Mais a frente, no mesmo capítulo do livro:

Continuando na sua arenga antiespírita, o sacerdote dá mais um exemplo dos *«argumentos aduzidos pelos reencarnacionistas»*, acompanhada da sua primária refutação:

«...2) A desigualdade das sortes humanas só se explicaria como consequência de atos bons ou maus praticados numa encarnação anterior – Respondemos que Deus é livre para criar os homens como Ele os quer; a cada qual Deus dá a graça para que se santifique e chegue à vida eterna; às vezes uma pessoa tida como pobre ou doente no plano material e passageiro pode ser extraordinariamente rica e sadia no plano dos valores definitivos. Ademais, segundo os princípios reencarnacionistas, quem atualmente é doente e pobre é um pecador que está expiando pecados da vida passada, ao passo que os ricos e sadios são pessoas virtuosas que estão recebendo o prêmio dos atos bons praticados em encarnação anterior. Ora, tais conclusões são absurdas».

Realmente o religioso alude a argumentos muito absurdos, os quais nada têm a ver com o Espiritismo.

É uma pena que o padre não tenha tido pelo menos o honesto propósito de, primeiramente, se instruir a respeito da Doutrina Espírita, antes de arvorar-se em destruidor e ceifador da Terceira Revelação Divina à Humanidade.

Os seguintes ensinamentos esclarecedores são encontrados a respeito do tema em tela, em *O Livro dos Espíritos* (questões 814 a 816) – *As provas de riqueza e de miséria*:

814. Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria?

“Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência.”

815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza?

“São-no tanto uma quanto outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.”

816. Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem?

“Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.”

NOTA DE ALLAN KARDEC: – A alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, *tanto mais obrigações tem que cumprir* tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: “Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus.” (266)

Mais a frente, mesmo capítulo:

A seguir, o quinto argumento e sua rudimentar refutação, transcrita, como de hábito, integralmente:

«5) O reencarnacionismo atribui ao homem o poder de salvar a si mesmo mediante sucessivas existências na carne, durante as quais o indivíduo mesmo se aperfeiçoa por seus esforços. Ao contrário, o bom senso e a fé mostram que o homem é, por si só, incapaz de se libertar do pecado e necessita da graça de Deus para se salvar. Somente numa perspectiva panteísta (ver Cap. VI, a seguir) é que se pode admitir a auto-salvação do homem (pois, no caso ele é parcela da Divindade); contudo numa perspectiva monoteísta, segundo a qual Deus é distinto do mundo e do homem, é lógico que o homem limitado e falho como é, necessita de Deus para se auto-realizar plenamente.»

O poder atribuído pelo sacerdote ao reencarnacionismo de salvar o homem por si mesmo vem de Deus e foi muito bem ensinado por Jesus. Na discussão da refutação anterior (nº 4), coloquei várias referências bíblicas, anatematizando a doutrina dogmática do inferno. Portanto, não existindo o suplício eterno e havendo chance de sair-se da prisão, a reencarnação surge como a luz da alvorada, afastando, com seus primeiros clarões, as trevas, a escuridão da noite. O eclesiástico, após revelar uma crença confusa e absurda («o homem é incapaz de se libertar do pecado...»), refere-se a uma «*perspectiva panteísta*», como de aceitação por parte dos espíritas. Desde o início da refutação da obra do autor católico, constato, da sua lavra, afirmações primárias, elementares, destituídas de embasamento, muito mal fundamentadas. O livro **Por que não sou espírita?** revela-se como uma verdadeira colcha de retalhos, tentando encobrir uma secular sujeira eclesiástica, armazenada nas vetustas e bolorentas sacristias, utilizando o processo psicológico de transferência. Tenta enquadrar a Doutrina Espírita como fiel proprietária das impurezas religiosas, chegando ao ponto de atacar os seguidores de Kardec e macular o Consolador prometido por Jesus, denominando-os de panteísta."

Capítulo VII do mesmo livro:

O escritor católico faz a seguinte observação: «*O Espiritismo apregoa em alta voz a prática da caridade, sem a qual não há salvação. Tem razão ao afirmar a importância da caridade. Todavia os espíritas chegam a relativizar a verdade, como se esta fosse algo de secundário, que não se teria de levar em consideração. Ora, observamos que o ser humano foi feito para aprender a verdade com a sua inteligência e praticar o bem e o amor em seu comportamento. Por isto não se pode dizer que basta a caridade para a salvação eterna. Em nome da caridade mal entendida (ou mal iluminada pela razão e a fé), podem-se cometer autênticas aberrações; a caridade desorientada pode tornar-se mero rótulo que dê aparência legítima ao egoísmo e a exploração do próximo – De resto, a prática da caridade não é apanágio do Espiritismo, pois a Igreja Católica durante toda a sua história (portanto já muito antes de Allan Kardec) sempre se empenhou pela sorte dos carentes tanto do corpo como de alma; muitos e muitos Santos foram, e são, verdadeiros heróis do serviço ao próximo.*»

De forma nenhuma, os espíritas «*chegam a relativizar a verdade*». O Mestre afirmou: «*Conhecereis a verdade e ela vos libertará*» (João 8:32). O profeta da Terceira Revelação tem um manancial, constituído dos cinco livros básicos, denominado Pentateuco espírita, contendo ensinamentos profundos, transmitidos por Entidades Superiores, não nos deixando órfãos (João 14:18), e trazendo-nos a verdade que liberta. A caridade legítima foi exemplificada pelo Cristo. O próprio Mestre fez do amor ao semelhante um impositivo maior para que o «*Reino de Deus em nós*» cada vez mais cresça e evolua, diante da eternidade. No chamado «*sermão profético*», Jesus alude aos eleitos como aqueles que O seguem na pessoa do próximo, não fazendo referência a nenhuma crença religiosa, nem mesmo ao seu sacrifício na cruz: «*Vinde, benditos do meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; Estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber. E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que sempre que fizestes a um destes pequeninos irmãos, a mim o fizestes*». (Mateus 25:34 a 40).

Portanto, o lema espírita «*Fora da Caridade não há salvação*» é essencialmente cristão, correspondente ao ensinamento de Jesus. Já o Catolicismo negando o **Sermão Profético** afirma que «*Fora da Igreja não há salvação*», sentença completamente antagônica a razão e ao progresso, necessitando de urgente retificação.

Quanto ao «*cometer aberrações, em nome da caridade mal entendida*», o padre não precisa olhar para a frente, buscando anestesiá-lo, fugindo da realidade interior de sua crença, quando milhares de assassinatos foram cometidos pelos clérigos, em nome de Deus e de Jesus, através da Inquisição. Sendo um ministro católico, deveria ter mais respeito com a religião de outrem, não esquecendo que as bases do Catolicismo, há milênios, se encontram minadas pelo absolutismo clerical aliado ao poder temporal, responsáveis pela degeneração do Cristianismo puro e autêntico, dos tempos primevos. («*Conhecereis a árvore pelos seus frutos*», Mateus 7:20). Afirmou o prelado que «*muitos e muitos Santos foram, e são verdadeiros heróis do serviço ao próximo*». Como já foi dito anteriormente, os Espíritos santificados não são propriedade ex-

clusiva do Catolicismo. Pelo contrário, do Plano Extrafísico, tiveram o infeliz ensejo de observar as ignominiosas ações da abjeta «Santa Inquisição» e, certamente, ampararam os espíritos vítimas de tal barbaridade.

